

15.0000

MEMO

SERV

A IG
A

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE

PUBLICAÇÕES DO

SERVIÇO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO
E ARTÍSTICO NACIONAL

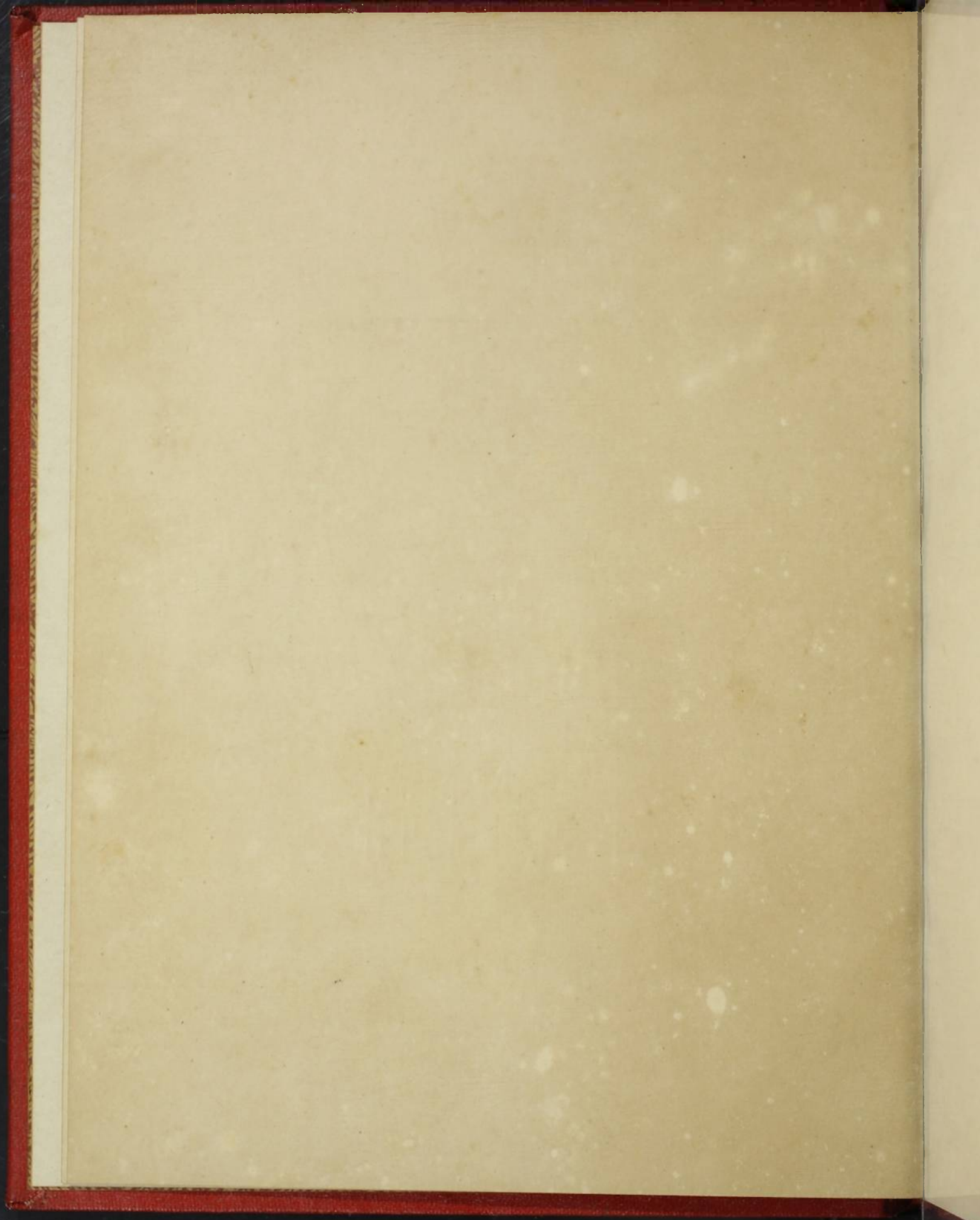
AFRANIO PEIXOTO

*A IGREJA DE NOSSA SENHORA
DA GLÓRIA DO OUTEIRO*



N. 10

RIO DE JANEIRO-1943



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

SECRETARIA DE CULTURA

SERVIÇO DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO
E ARTÍSTICO NACIONAL

ANEXO XXXIII

A IGREJA DE NOSSA SENHORA
DA GLÓRIA DO OUTEIRO



1910

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E MONUMENTOS

MINIST

SERVIT
E

A IGR

DA C

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE

PUBLICAÇÕES DO

SERVIÇO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO
E ARTÍSTICO NACIONAL

AFRANIO PEIXOTO

*A IGREJA DE NOSSA SENHORA
DA GLÓRIA DO OUTEIRO*



N. 10

RIO DE JANEIRO-1943

AS PINTURAS, GRÁVURAS E LITOGRAFIAS ANTIGAS ESTAMPADAS NESTE VOLUME FIGURARAM NA INTERESSANTE EXPOSIÇÃO COMEMORATIVA DA INAUGURAÇÃO DAS OBRAS DE RESTAURAÇÃO DA IGREJA DE N. S. DA GLÓRIA DO OUTEIRO, ORGANIZADA EM AGOSTO DE 1942., POR INICIATIVA DO DR. R. DE CASTRO MAYA, ZELADOR DO MONUMENTO, TENDO SIDO AS REPRODUÇÕES FOTOGRÁFICAS EXECUTADAS POR K. VOSYLIUS.

AS FOTOGRAFIAS QUE REPRODUZEM ASPECTOS DA IGREJA, NO SEU ESTADO ATUAL, FORAM FEITAS POR MARCEL A. GAUTHEROT.



AFRANIO PEIXOTO

A IGREJA DE
NOSSA SENHORA DA GLÓRIA
DO OUTEIRO



N

O
a 20
E

o reino de
sos para
dara Escudo
forn da Rua
a prairie co
lado da Pra
está a Fortale
cedo do Pão
Mem de Si
economista

1) Vocabulário
t. I, III, m
2) Sessão de
M. Comar
que antecede
Alto em m
morte

A IGREJA DE
NOSSA SENHORA DA GLÓRIA
DO OUTEIRO

O RIO DE JANEIRO efetivo começa no oiteiro da Glória, a 20 de Janeiro de 1567...

E' fácil a demonstração. Mem de Sá, em 1560, arrasara o reduto dos Franceses em Villegaignon, expelidos os intrusos para o continente. A Rainha-regente, Dona Catarina, mandara Estácio de Sá, sobrinho do Governador-Geral, botá-los fora da Baía de Guanabara. Funda Estácio, à entrada da barra, a provisória cidade do Rio de Janeiro, a 1º de Março de 1565, do lado da Praia Vermelha (1) ou do lado do Cara de Cão, onde está a Fortaleza de São João (2): de qualquer modo junto ao penedo do Pão de Açúcar. Ora, o Rio efetivo não é êsse, senão o de Mem de Sá, no Castelo, após 20 de Janeiro, dia de São Sebastião, onomástico d'el-Rei, da era de 1567...

-
- (1) Visconde de Porto-Seguro — *História Geral do Brasil*, São Paulo, ed. Garcia, t. I, XIX, pág. 410.
- (2) Serafim Leite — *Conquista e fundação do Rio de Janeiro*. in "O Instituto", vol. 90, Coimbra, 1936, cita Antônio de Matos, reitor do Colégio do Rio de Janeiro, que conhecera os locais contemporaneamente (*De Prima Institutione* fl. 116). Aliás essa certeza fôra opinião de Vieira Fazenda e Morales de los Rios, recentemente.

As coisas se passaram assim. Estabelecido à entrada da barra, explorou Estácio as cercanias e o interior da baía, enquanto esperava reforços da Baía, com o Governador-geral, e de São Vicente, mandados pelo Padre Manuel da Nóbrega.

Os Franceses, sob o mando de Bois-le-Comte, sobrinho de Villegaignon, (que já se havia repatriado, abandonando a Colônia que fundara), tinham dois redutos principais: um, na ilha de Paranapecú, ou Maracajá, ou Gato, depois do Governador; e outro, no continente, um morro ou colina onde “estava em hum paço muito alto e mais fragoso com muitos franceses e artelharia”, “fortaleza de Biraoaçú-mirin, grande principal e muito guerreiro” (3), diz Mem de Sá.

Este môrro de Biraoaçú (4) ou Uruçumirim (*abelha pequena*), também depois dito Leripec (*ostreira*) por ficar próximo a uma praia coberta destes mariscos; praia da Carioca, assim chamada pelo deságue de um dos braços do rio da Carioca, o rio Catete (*mato verdadeiro*), que vinha do vale (5) próximo (6). No

-
- (3) *Instrumento dos serviços de Mem de Sá*. Ext. do vol. XXVII dos “Anais da Biblioteca Nacional”, Rio 1906, item 22, pág. 7.
- (4) Mem de Sá escreve “Biraoaçú merim” (pág. 7), e Francisco de Moraes, depoente, escreve: “Biraçumerim” (pág. 31); Luis Darmas, *id.*: “Byraçumerim” (pág. 72; o Bispo Dom Pedro Leitão, *id.*: “Byraçu merim” (pág. 80), *op. cit.*
- (5) Vale do Catete, nas abas dos morros de Nova Cintra, Santa Cristina, Santa Teresa ou do Destêrro, de um lado, e “Guaratiba” e Glória, do outro, do lado do mar. Vd. aqui mesmo notas 6 e 14.
- (6) Esse braço do rio largava, na altura do Largo do Machado, o outro que ia pela rua Conde de Baependi, largo José de Alencar, rua Barão do Flamengo, desaguando à altura do extremo atual da rua de Paissandú, onde, captado e canalizado, corre o remanescente das águas. A ponte do “Salema” dava passagem, no largo atual de José de Alencar, para os caminhos novo e velho de Botafogo (ruas Marquês de Abrantes e Senador Vergueiro). Os dois braços compreendiam um delta, que ia, do Flamengo à praia da Glória, lado do mar, ao Catete (lado ímpar e morro da Glória). Esses braços provinham do rio das Caboclas, ou da Carioca, ou do Catete, vindo de Laranjeiras, abas do Corcovado. A captação das águas

fim da praia, ora dita do Flamengo, diz Varnhagen (7). Esse nome, do Flamengo, seria muito posterior, (8) da praia que corria do Morro da Viúva (9) ao Morro da Glória e praia da Carioca (rio Catete ou Carioca, que aí desaguava), ou Leripec (ostreira), à foz do rio, descoberta à vazante, ao pé do Oiteiro da Glória, que as velhas gravuras mostram a pique sôbre o mar: serão aterrados o Russel e os jardins da Glória...

Foi aí, entre o Oiteiro e o boqueirão da Carioca, no sítio frágil e elevado, que demorava o entrincheiramento de Biraoaquimirim e os Franceses de Bois-le-Comte, providos de artilharia. Foi aí que os nossos, investindo, os derrotaram, matando seis franceses e aprisionando cinco, justicados depois, bem como índios, mortos muitos e outros refugiados no reduto de Paranapecú. Os nossos foram comandados por Cristóvão de Barros; Gaspar Barbosa, comandante de Porto Seguro, que morreu na ação, combatendo valentemente e por Estácio de Sá, bravo também, ferido por frechada no rosto. Isto foi a 20 de Janeiro de 1567.

nas nascentes, o atêrro e a canalização do remanescente, alterou a geografia primitiva. Atrás do Catete atual há uma rua "Beco do Rio". Que rio? O rio Catete que corria próximo... vid. aqui mesmo, nota 14.

- (7) *Op. cit.* t. III, págs. 262. Diz que esse nome Praia do Flamengo viria da morada aí de alguns dos primeiros que vieram ao Rio, permitido o estabelecimento deles no Brasil pelo Tratado de 1661, pazes de Portugal e Holanda.
- (8) Foi também Praia de Sapucaitoba, Aguacia dos Marinheiros (a água do rio das Caboclas ou Carioca era excelente), Praia do Sapateiro ou de Sebastião Gonçalves (nome do artífice); Praia do Namorado (Pedro Martins Namorado, primeiro juiz ordinário que habitou o Rio, aí domiciliado). Prevaleceu Praia do Flamengo, hoje o Flamengo, por menor esforço. Sôbre o nome "Sapucaitoba", diz João da Costa Ferreira, *A cidade do Rio de Janeiro e seu termo* "Rio", 1934, pág. 249, nota pág. 272, "Códices 310 e 642 "Têrmo de juramento": "quer dizer o lugar onde se bradava, e hoje ainda se brada, para os que estavam na Fortaleza de S. João, onde antigamente era a cidade, quando se povouou esta terra".
- (9) Porque foi da viúva de Joaquim José Gomes de Barros, e depois da viúva do Marquês de Paraná.

E' desta vitória, nesse lugar, desta data, que vem o Rio de Janeiro *efetivo*. O chão é mais que Carioca, Leriipe, Uruçumirim: é a Glória. A santa invocação virá depois. Um fortim na praia, ainda no fim do século XVII, se chama forte da Carioca ou da Glória. (10).

Como quer que seja, aí, nesse dia, a vitória no Continente. Dias depois, — "pasado dahi alguns dias", diz o depoente Luís Darmes, no "Instrumento dos Serviços de Mem de Sá" (*Op. cit.* pág. 44) —, foi o combate da outra fortaleza, a de Paranapecú (ilha do Governador, "onde havia mais de mil homens de guerra, pouco mais ou menos e muita artilharia e tres dias a combaterão continuadamente até que a entraram..." id. pág. 48). Foi a última vitória. (11).

Entre os dois entrincheiramentos tomados, — Glória e ilha do Governador — um cômodo mais alto, onde se vai instalar o Castelo, a Matriz, o Colégio dos Jesuítas, os órgãos incipientes do Rio oficial. Mem de Sá justifica: "Por o sítio onde Estácio de Sá edificou (o Rio provisório, junto ao Pão de Açúcar) não ser que pera mais que pera se defender em tempo de guerra, com parecer dos capitães e doutras pessoas que no dito Rio de Janeiro estavam escolhi um sítio que parecia mais conveniente para edificar nele a cidade de São Sebastião, o qual sítio era um grande mato espesso cheio de muitas árvores e grossas em que se levou assaz de trabalho em as cortar e alimpar o dito sítio e edificar uma cidade grande cercada de trasto de vinte palmos de largo e outros

(10) Vieira Fazenda — *Rev. do Inst. Histórico*, t. 86, vol. 140, (1919), Rio, 1921, pág. 352. Questão muito controvertida é a dêsse nome, seu significado linguístico e histórico e sua precisão topográfica. A fortuna dos nomes é vária. Agora mesmo, há um meio século, "carioca" é gentilico: o que outrora era "fluminense", agora reservado aos filhos do Estado do Rio.

(11) Simão de Vasconcelos — *Cron.* III, 101-3, repete foram "três dias de combate".

tantos de altura tôda cercada de muro por cima com muitos baluartes e fortes cheio de artelharía. . .” (*Op. cit.* pág. 8).

Depois, disse. Ora é a 20 de Janeiro, precisamente dia do orago e do nome d'el-Rei, que se celebra a fundação do Rio, fundação implícita que dava a vitória, nesse dia, no reduto da Glória. . . Estácio de Sá, o comandante das nossas tropas, recebera uma frechada no combate da Glória, da qual vem a morrer, um mês depois. Mem de Sá, o tio presente, dirige a fundação, morto o sobrinho, depois de 20 de Janeiro (vitória da Glória), depois do fim de Fevereiro (morte de Estácio), depois quando, semanas e meses após, não importa (12). A fundação será datada de 20 de Janeiro de 1567, que não foi no Morro do Castelo — muito mato espesso a desbravar, aplainar, delinear, cercar, e as estradas de acesso a riscar e fazer — senão a data da decisiva vitória no Continente, nesse dia, e aí, na Glória. . . Portanto, c. q. d., como queremos demonstrar. . .

Desapareceram os vestígios do Rio provisório de 1565, a par do Pão de Açúcar; desapareceram os vestígios do Rio oficial de 1567, sôbre o Morro do Castelo (13), ora arrasado: subsiste, felizmente o Uruçumirim, o Leripe, o Oiteiro da Glória, dominando

(12) Serafim Leite. *Op. cit.*, diz a “1º de Março de 1567”, citando as *Efemérides* de Rio Branco, *Rev. do Inst.*, vol. 82. Ora, onde o documento? Esse 1º de Março não será confusão com o 1º de Março de 1565, dia da fundação do Rio, no Pão de Açúcar? O Rio de 67, o definitivo, — depois da primeira vitória, a 20 de Janeiro; depois, passados alguns dias, passados os três dias de combate na ilha do Governador; depois da morte de Estácio (fim de Fevereiro), depois de tanto mato a cortar, desbravar, etc., — não podia ter sido fundado a 1º de Março de 1567. Em todo o caso, não há documento disso e é contrariada conjectura.

(13) Rio Branco — *Efemérides*, “*Rev. do Ins. Hist.*” vol. 82, dá outras denominações: “Morro do Descanso”, “Alto da Sé”, “Alto de São Sebastião”, “Morro de São Januário”, finalmente “Morro do Castelo”.

a várzea do Catete (14), ou Carioca, boqueirão, ostreira, por isso praia da Carioca ou da Glória, onde hoje estão os Jardins da Glória e a Praça Luís de Camões, logradouro também conhecido por Praia do Russell... Aí foi o comêço do Rio de Janeiro e hoje é só o que resta do Rio inicial, efetivo, definitivo, em tórno do Oiteiro da Glória... Os Gregos chamavam a êsses lugares centrais da vida *Delphos*, "umbigo"; nós, com a autonomia da vida, "cabeça" ou "coração"... O coração do Rio de Janeiro é a Glória.

A invocação a Nossa Senhora da Glória parece posterior e adaptação. Diz o *Devocionário* do Cônego Francisco Freire: "Data de 1608 o culto de N. S. da Gloria do Oiteiro, numa gruta que ali existiu e onde um certo Aires colocou uma pequena imagem. Em 1671 Antônio Caminha erigia no mesmo local a primeira capelinha. Em 1739 (15) é que foi canonicamente erecta a irman-

- (14) Ainda a velha rua, repito para ficar, por onde ninguém passa, entre o comêço actual do Catete (números ímpares) e o Morro da Glória se chama "Beco do Rio"... Que Rio? Não será o Rio de Janeiro, senão o "rio Catete" que por aí correrá, braço do rio Carioca ou das Caboclas que vinha do Corcovado, por Laranjeiras. Ainda em 1861 Moreira de Azevedo no "*Pequeno Panorama da cidade do Rio de Janeiro*", t. I. Rio, 1861, pág. 289, escrevia: "O rio da Laranjeiras, que envia um braço à praia do Flamengo, circunda o morro (da Glória) pelo lado direito, indo ter ao mar junto ao edificio da Praça do Mercado da Glória". Já não alcancei o rio, canalizado, mas alcancei o Velho Mercado, arruinado, sem serventia (1903). Destruído para os atuais jardins da Glória (monumento Rio Branco, fonte do Vinho do Porto, vários bustos). Outra, e preciosa, informação é a de José Bonifácio (*Poesias de Americo Elysio*, Bordéus, 1825, pág. 74), quando fala

*nas sombrias sempre verdes margens
Do seu Catete*

o que é completamente elucidativo. *Caa-tete* é mato verdadeiro, mato de planície irrigada, mas, se tem margens, é rio... O rio Catete, ao tempo de José Bonifácio, em 1825, corria a desaguar na Glória, onde Moreira de Azevedo o via, ainda em 1877. (*O Rio de Janeiro*, Rio, 1877, I vol. pág. 297).

- (15) Em 1939 comemorou-se solenemente esta fundação bi-centenária, orando o grande historiador do Brasil Jesuíta o Pe. Dr. Serafim Leite, S. J.

dade. No fim do ano de 1781 deu-se comêço à construção do novo templo onde se guarda a primitiva imagem e se cantam com o mesmo fervor os louvores à grande Mãe de Deus, Maria Santíssima.”

A tradição a que José de Alencar deu voz na sua novela “*O ermitão da Glória*” (vol. 2º dos *Alfarrabios*, 1873, Rio, Garnier) e principalmente os documentos que investigou o Dr. Vieira Fazenda (*Op. cit., loc. cit.*) depõem que o reinol Antônio Caminha, de Aveiro, vivendo apartado e vestido com o hábito de terciário de São Francisco, possuidor de bens (como por exemplo as terras em que depois se levantou o Convento da Ajuda, a atual Cinelândia...) pai de família, com um filho padre, de nome João, e uma filha casada, de nome Antônia, edificara, em 1671, modesta ermida sôbre o oiteiro da Glória. Em 1699 o Dr. Cláudio Grugel do Amaral fez doação do referido morro para nele edificar-se uma ermida que fôsse permanente, onde teriam acolhida seus despojos mortais e os de sua família. A igreja actual seria do decorrer do século XVIII, 1781, diz Freire.

Ora Caminha era Antônio, e devoto de São Francisco, a cuja Ordem Terceira, ostensivamente até pelo hábito, pertencia; o filho é João e a filha Antônia... Se edifica uma ermida, em Leriipe, parece que, encontrando uma invocação à Glória, donde a festa de 15 de Agôsto, será então a Nossa Senhora da Glória, gloriosa portanto. A devoção de Antônio Caminha não seria inicial: só depois a filha Antônia será Antônia da Glória e êle mesmo Antônio Gloriano. Parece que a Glória é que sugeriu Maria, ou Nossa Senhora, e não Antônio, Francisco, ou João, preferências de nome da família. 15 de Agôsto decorre da invocação, pois não é data histórica e será apenas a festa da Senhora da “Glória”, porque é a da Assunção...

A escritura de doação do Dr. Cláudio Grugel do Amaral de 20 de Junho de 1699, do Morro da Glória à Irmandade de N. S. da Glória, acrescenta, ao patrimônio da Santa, as terras que adquirira em 18 de Fevereiro de 1687, que consistiam em 100 braças na praia da Carioca, chácara denominada Oriente, limitando do lado direito com as terras da Carioca. Mais além, ir-se-ia para a Ajuda. Nessas redondezas existia, de há muito, um pequeno forte, diz Vieira Fazenda (*Op. cit.*, pág. 358). Em 1703, o governador D. Álvaro da Silveira de Albuquerque nomeava capitão da “Fortaleza da Carioca” ou “da Glória”, o Dr. Cláudio Grugel do Amaral. Ainda em 1748, na arribada, ao Rio, do navio francês *l'Arc en Ciel*, se relata que, nas vizinhanças da cidade, estava a bateria de N. S. da Glória, que dispunha de 10 peças de pequeno calibre (doc. publ. por M. S. S. Cardoso e divulgado por A. de E. Taunay, *Jornal do Comércio*, de 28-XII-41). O promontório da Glória estava a pique sôbre o mar. Do outro lado, lado do Flamengo, estava outro pequeno reduto, o forte de Manuel Velho: diz Vieira Fazenda (*op. cit.*, *loc. cit.*) que, em 1799, era comandante dos dois fortins — “Manuel Velho” e “Glória ou Carioca”, — o ajudante engenheiro Antônio de Sousa Coelho.

Esse benfeitor da Glória, dono do Oiteiro dado à Senhora, para a Irmandade, merece um minuto de atenção. Em 1682 sentou praça Cláudio do Amaral Grugel, servindo até 86. Pelos governadores Pedro Gomes Duarte Teixeira Chaves e João Furtado de Mendonça foi provido nos cargos de provedor da Coroa e Fazenda Real e, pelo Governador Sebastião de Castro Caldas, no de provedor da Fazenda Real, juiz da Alfândega e contador dela. Também ao tempo foi juiz vereador e escrivão da Câmara. Teria mérito para tanto. Atuou contra Franceses arribados e suspeitos.

Em 83, irmão da Misericórdia, foi mordomo dos presos, escrivão e provedor de 1703 a 1705. Foi doutor pelo título que lhe dão e enviuvando tomou ordens, avançado em idade. Os filhos eram turbulentos. Os haveres da família consideráveis. De desavenças contra parciais de grupos contrários na cidade, atacado por populares em emboscada, recebeu ferimentos de que vem a falecer na Santa Casa. Vieira Fazenda (*Op. cit.*, 361-2), que dá estas informações, não sabe se de fato foi enterrado na Glória, como quisera, por condição imposta na doação.

Dos velhos livros se depreende algo sobre a Glória. Fr. Agostinho de Santa Maria, no *Santuário Mariano*, Lisboa, 1723, t. 10º e último, diz que, do Santuário da Ajuda, que fica extra-muros da cidade, vão duas estradas, já muito povoadas. A primeira, à mão direita, faz caminho para a casa de N. S. do Destêrro (convento de Santa Teresa, ou do Destêrro, que se vê sobre a Lapa do Destêrro, ponto de partida dos Arcos, ainda subsistentes). A outra, à mão esquerda, caminha para “a fonte da Carioca”, “por onde vai sempre um grande concurso de brancos e pretos”, a vários trabalhos e serviços. Por êsse caminho se vai à casa da Senhora da Glória, eminente à enseada da parte do sul, e da cidade dista cerca de um quarto de légua. Fundara o Santuário Antônio Caminha, “que ainda neste ano de 1714”, diz Fr. Santa Maria assiste à Senhora e a serve... Erigiu a Casa à Senhora (igreja), “levantou outras, uma para sua habitação e outras para recolhimento e descanso dos que vão em Romaria à Senhora a fazer novenas (pág. 22) na sua Casa. “Êste sítio em que se vê fundado aquele Santuário doou a Nossa Senhora da Glória o Dr. Cláudio Grugel de Amaral, hoje clérigo do hábito de São Pedro com a mais terra circunvizinha, pela grande devoção que tomou a N. S. da Glória.”

John Luccock — *Notes on Rio de Janeiro and the Southern Parts of Brazil* (1808-1818), London, 1820, depois que se refere à beleza do sítio (*pleasant hill, overshadowed with wood in the beautiful church*) diz que “*is attached a small convent*” pequeno convento ocupado pelos Jesuítas alemães. O pequeno convento seria a casa dos Romeiros então com êsses habitantes. N. S. da Glória, conclue, é dos pitorescos objetos “*in the neighbourhood of the city*”, na vizinhança da cidade... A Glória ainda era *extra muros* ...

Já os Drs. J. B. von Spix e C. F. von Martius, *Travels in Brazil in the years 1817-1820*, vol. 1, London, 1824, falam de N. S. da Glória “*commanding the southern part of the city...*” Daí seguiam casas que ocupavam as duas semi-circulares baías do Catete e Botafogo.

James Henderson (*A History of the Brazil*, London, 1821) conta as belezas da Glória, a pique sôbre o mar, recebendo livremente brisas de terra e d'água, onde habitavam ingleses, M. Marden, Rev. M. Crane... etc., de bom gôsto, na mais agradável situação para residência “*in the vicinity of Rio*”, apenas com o inconveniente de “uma escada ascendente, do lado da Capela da Glória”.

José de Sousa Azevedo Pizarro, nas *Memorias historicas do Riode Janeiro*, Rio, 1822, diz, Cap. XVII, pág. 248: “Porque foi necessária a Casa Conventual do Carmo para acomodar S. Magestade a Rainha, e Sua Real Família, passaram os Padres italianos a residir na Casa dos Romeiros de Nossa Senhora da Glória.”

Maria Graham — *Journal of a Voyage to Brazil during part of the years 1821-22, 23*, London, 1824, ainda vê o oiteiro coberto

de vegetação "*is green, and wooded and studded with country houses*"... Noutro livro, adiante citado, falará das devoções da Glória.

O Padre Perereca, Luís Gonçalves dos Santos, *Memorias para servir á Historia do Reino do Brasil* — Lisboa, 1825, t. I, já fala da rua que vai ter à Senhora da Glória. "com casas de um e outro lado, até certa distância, mas, aproximando-se o mar, só dá lugar para a estrada com casa do lado direito, até a ladeira, por onde se sobe para a capela da mesma Senhora, assentada sôbre o cume de uma colina que faz parte de um grande monte que se eleva por detrás dela por grande distância e que é separado, por montes fronteiros pela estrada que conduz ao Catete e pela parte do mar corre a praia do Flamengo. A estrada do Catete é larga e por um e outro lado poucas casas tem à frente dela, sendo quasi tôda bordada de cêrcas das chacaras que ocupam o terreno por onde passa a dita estrada; mas sôbre os outeiros, até a praia de Botafogo inclusivamente se vêem muitas e boas casas de campo". No t. II, pág. 161, escreve o P. Gonçalves dos Santos: "a capela de N. S. da Glória é assaz pequena para tanto povo, que pede uma igreja espaçosa e no centro daquele bairro, a qual sirva de Paróquia, desanexando-se da de São José". E' a precursão da futura "freguesia da Glória"... e não já na Glória, mas "no centro daquele bairro"...

Na *Description of a view of the city of St. Sebastian an the Bay of Rio de Janeiro now exhibiting in the Panorama, Leicester Square, painted by the Proprietor Robert Burford, from drawings taken in the years 1823*, London, 1827, depois de louvar o sítio e a paisagem, diz que a Família Real visita frequentemente esta igre-

ja, aos dias santos. A colina é coberta de vilas "*chiefly inhabited by English families*"... (pág. 9).

O Rev. R. Walsh, nas suas *Notices of Brazil in 1828 and 1829*, Boston 1831, 2 vol., diz no t. II, pág. 246, a devoção sincera do Imperador, pela Glória, "*for the memory of his wife*". Todos os sábados lá ia, em faeton, puxado por quatro mulas... subindo a pé o oiteiro, indo ao ofício, no santuário...

Ferdinand Denis no seu *Brésil*, Paris, 1839, descreve, com o habitual embevecimento estrangeiro, a Glória, e diz que ela é "*une de ces constructions pittoresques qui donnent à une ville son caractère original, sa physionomie riante ou triste, selon les jours et quelque fois selon les souvenirs*" (pág. 108). "Era aí que a jovem imperatriz gostava de vir rezar; aí que se assentou mais de uma vez contemplando êste belo lago que limitava, nos longes, as montanhas dos Órgãos, estas águas mansas, estas vagas repousadas. Depois quando uma criança lhe nasceu, foi lá que ela a ofereceu a sua Padroeira. Mais tarde, dizem que a semana não acabava, sem que Dom Pedro, cuja fé sincera nada enfraquecera, vinha ajoelhar-se, ao pé do altar... (pág. 108).

George Gardner, *Travels in the interior of Brasil... during the years 1836-1841*, 2ª ed., London, 1849... apenas (pág. 5) louva a Glória, "*the most conspicuous*" das belas igrejas, entre a cidade e a Praia do Flamengo.

O Dr. Hermann Burmeister, na "*Reise nach Brasilien*," Berlin, 1853, distingue o Morro da Glória "*zwar kleiner als der Morro do Flamengo*", isto é o oiteiro da Glória, assentado para a igreja, e o monte por detrás, mais alto, que nós chamamos de Guaratiba

(influência da casual rua Barão de Guaratiba, que lhe passa no vértice e desce até o Catete) morro que no tempo de Burmeister se chamava mais pròpriamente “morro do Flamengo”. Êste morro tem para cercá-lo dos outros três lados casas do Catete, da rua Silveira Martins, da Praia do Flamengo. Êste morro era ao tempo “coberto de vegetação, palmeiras, bananeiras, com alguns terrenos baldios”, ainda hoje, casas e ruas agora de permeio.

Convém dizer alguma coisa da “freguesia da Glória”. O Pe. Luís Gonçalves dos Santos, já vimos, nas suas “*Memórias*” citadas, t. II, pág. 161 escreve duas linhas sôbre a necessidade de uma igreja maior do que a da Glória do Oiteiro, pois que “a Capela de N. S. da Glória é assaž pequena para tanto povo, que pede uma igreja espaçosa, e no centro daquele bairro, a qual serve de Paróquia, desanexando-se da de São José”.

A freguesia de São José saíra da freguesia da Sé, ambas na cidade. . . Mas, já em 1825 estava-se, crescendo o Rio na direção da Glória, do Catete, do Flamengo, de Botafogo, a reclamar uma nova subdivisão, agora da freguesia de São José. . . Como a igrejainha da Glória não cabia tanto povo, a Matriz devia ser no centro do bairro a servir. . .

Foi o que aconteceu, em 34, criada a nova freguesia de N. S. da Glória, que não teria a sua igrejainha por matriz, matriz a situar no centro do novo bairro, que compreendia Catete e Laranjeiras. O juiz de paz do distrito Antônio Joaquim Pereira Velasco, possuindo, em sua chácara de Laranjeiras, uma capela, à esquina da futura rua Pereira da Silva, consagrada a N. S. dos Prazeres, ofereceu-a logo para Matriz provisória. Mas, logo em 35, por dois contos, foi comprada outra capela, mais central, no largo do Machado, erguida em 1720, reparada em 1818, pela Rainha D. Carlota Joaquina, que habitara uma casa próxima. Para aí se

transferiram as imagens. Em terreno próximo, adquirido no Largo, ergueu-se, depois de 42, a Matriz da Glória para onde, em 56, foram as imagens. Em 61, foi elevada a cumieira e, nesse ano, o largo do Machado passa a praça Duque de Caxias; em 72, finalmente benze-se o templo, acabado: é a Matriz da Glória.

Outra Irmandade, outra Igreja, num ponto mais acessível... mas, com a mesma invocação, invocação derivada da igrejinha do Oiteiro: freguesia de N. S. da Glória ou simplesmente da Glória... que Glória? A nossa N. S. da Glória do Oiteiro...

Recapitulemos. O *Devocionário* do Cônego Freire dá o começo do culto de N. S. da Glória em 1608, numa gruta que ali existia no Oiteiro, onde um fulano Aires colocara uma pequena imagem. Em 1671 começa a devoção de Antônio Caminha, que aí constrói a primeira capela. Em 1699 ocorre a doação do morro, à Irmandade já existente, para uma igreja definitiva. Portanto, havia uma ermida, objeto de devoção no fim do século XVII. No começo do século XVIII, escreve Frei Santa Maria, no *Santuário Mariano*, referindo-se ao ano de 1714. "Tem esta Senhora muitas ofertas, e assim tem os seus Confrades, e Procuradores junto quantidade de dinheiro para darem princípio a uma nova, e grande Igreja de pedra e cal: porque a primeira que lhe fez, foi de madeira, e de barro."

Caminha não era só arquiteto ou mestre de obra, senão também escultor ou santeiro, tendo feito a imagem da Senhora, "imagem formada de madeira e de perfeitíssima escultura" (pág. 24), diz Fr. Santa Maria, que no t. 6º, do seu livro, se refere à N. S. da Glória que se venera em Lagos, nos Algarves, a qual mandara o ermitão Antônio Caminha a el-Rei D. João V, indo na frota de 1708, naufragando e indo a caixa ter a Lagos, no sul de Portugal,

onde apareceu e foi venerada. (Já a réplica de nossa imagem, em 1708, portanto assentada a retificação de nossa data, ao êrro tipográfico do livro de Fr. Agostinho de Santa Maria, para início das obras, em 1701). Dessa imagem de Lagos fez tirar molde e cópia o nosso Provedor Almirante Thiers Fleming, em 1942, tornando donde foi, para identificação. A Igreja atual começada em fins de 1781, disse Freire, seria obra do mesmo arquiteto da Igreja de São Pedro, Tenente-coronel José Cardoso Ramalho, segundo informações dadas a Moreira de Azevedo (*Pequeno Panorama*, Rio, 1861, pág. 315).

A devoção vem vindo. O santuário de Nossa Senhora da Glória do Oiteiro, (isto é, N. S. do Oiteiro da Glória), ao qual os Príncipes do Brasil prestaram homenagem assídua de devoção. Dom Pedro I e a Imperatriz eram assíduos aos ofícios.

A Virgem da Glória agradece o ter escapado a uma tremenda queda de cavalo, com jóias de preço, ainda no tesouro da Irmandade. A filha primogênita, nascida a 3 de Abril de 1819, batizada a 4 de Maio seguinte, recebe o nome de "Maria da Glória". Como se não fôra bastante, el-Rei D. João VI é quem, em pessoa, traz à Glória, a netinha, para entregá-la à Senhora, a quem fôra dedicada, isso ocorrendo a 27 de Junho e D. Maria da Glória, nascida no Brasil, será D. Maria II, rainha de Portugal.

Tudo isto será posto num poema da época (16), *A Assunção*,

(16) Também em história, Maria Graham, já citada aqui, nas suas Memórias do Rio, diz: "Havia sido por causa dela (da Assunção da Virgem que minha aluna mais velha D. Maria da Glória havia recebido êsse nome" (pág. 101). "Que eu por algum tempo ao menos acompanhasse minha pupila às orações de domingo, pela manhã, em palácio quando ela não fôsse com seus pais à igreja de N. S. da Glória, que êles geralmente frequentavam (pág. 111). (*Anais da Biblioteca Nacional*, t. 60, 1930, Rio, 1940).

8 cantos, impresso em 1819, onde se descreve a igreja, a dedicação votiva, a festa, as devoções (17) e romarias:

Este dia, Brasil, com tipos d'ouro
Transmita teus anais até o vindoiro
.....

Vem ao templo ofertar com fé que espanta
A nova Imperatriz dos céus a planta
Bragantina. Ficando agradecido
Aquela por quem tenho recebido.
.....

Enfim tudo é festivo e prazenteiro
Nas venturosas ribas do Janeiro.
.....

Aquí nautas virão cumprir o voto
Trazendo em ombros o velacho rôto.
.....

Virão também romipetas trazidos
Da devoção, de ofertas oprimidos,
Assí que por tal fé, tão extremada,
Bem pudera esta praça ser chamada
A cidade da Virgem: bem como ela
E' cidade de Deus risonha e bela.

(Assunção, canto 8º)

Como vêm, Frei Francisco de São Carlos, o poeta carioca, que aquí nasceu e morreu (1763-1829), concorda conosco.

Também D. Pedro II foi "apresentado" à Senhora da Glória, na sua igreja, a 2 de Janeiro de 1826, por seus pais, os Impe-

(17) Entre as grandes devoções da Glória conta-se a do Marquês de Abrantes, que à Senhora ofereceu jóias preciosas, ainda no tesouro da Irmandade, por agradecimento a graças recebidas; seus sogros, os Viscondes de Meriti, moravam perto no Paço que foi Secretaria dos Estrangeiros, hoje Palácio São Joaquim, residência do Sr. Cardeal Arcebispo.

rantes, acompanhados das Princesas irmãs, com solenidades que descreveu, embevecido, o *Diario Fluminense*, de dois dias depois.

O Brasil recebeu de Portugal um Imperador, D. Pedro I; console-se o melindroso nativismo nacional: Portugal recebeu uma soberana, do Brasil, D. Maria II... D. Maria da Glória porque dedicada, por seus Pais e seu Avô, à Senhora da Glória do Oiteiro.

Passado um século, em 1940, a tradição ainda obriga aos Braganças — agora Bragança e Orleans: — à Princesinha aí batizada, nesse ano, filha dos Príncipes, Conde e Condessa de Paris, esta brasileira e bisneta de Dom Pedro II, o irmão da outra D. Maria da Glória... ainda é, como a rainha de Portugal, também “D. Maria da Glória”... Se não é augúrio, é devoção, que continua...

Ora, se na Glória, com a vitória da Glória, nasceu aí o Rio de Janeiro, se a devoção popular e soberana exaltou essa Glória a um santuário da Virgem Padroeira do Brasil, porquê outra qualquer santa invocação? Nossa Senhora da Conceição é a padroeira de Portugal; Nossa Senhora da Glória é a padroeira do Brasil: da Conceição foi que lhe veio a Glória, a Maria...

Por fim, e para sempre, Maria da Glória, que honramos no seu vetusto e gracioso Santuário, jóia de paisagem e de arte, na Igreja de Nossa Senhora da Glória do Oiteiro, nessa nossa gloriosa cidade sua, do Rio de Janeiro.

The first part of the report is devoted to a general description of the country and its resources. It is followed by a detailed account of the various industries and occupations of the people. The report then proceeds to a description of the climate and the various diseases which are prevalent in the country. It concludes with a list of the principal towns and cities of the country.

The second part of the report is devoted to a description of the various industries and occupations of the people. It is followed by a detailed account of the various trades and professions which are pursued in the country. The report then proceeds to a description of the various manufactures and articles of commerce which are produced in the country. It concludes with a list of the principal articles of export and import of the country.

The third part of the report is devoted to a description of the climate and the various diseases which are prevalent in the country. It is followed by a detailed account of the various seasons and the various winds which blow in the country. The report then proceeds to a description of the various diseases which are prevalent in the country. It concludes with a list of the principal diseases which are prevalent in the country.

The fourth part of the report is devoted to a description of the principal towns and cities of the country. It is followed by a detailed account of the various streets and buildings of the principal towns and cities. The report then proceeds to a description of the various public buildings and institutions of the principal towns and cities. It concludes with a list of the principal towns and cities of the country.

The fifth part of the report is devoted to a description of the various public buildings and institutions of the principal towns and cities. It is followed by a detailed account of the various schools and colleges of the principal towns and cities. The report then proceeds to a description of the various churches and synagogues of the principal towns and cities. It concludes with a list of the principal public buildings and institutions of the principal towns and cities.

The sixth part of the report is devoted to a description of the various schools and colleges of the principal towns and cities. It is followed by a detailed account of the various teachers and students of the principal towns and cities. The report then proceeds to a description of the various books and libraries of the principal towns and cities. It concludes with a list of the principal schools and colleges of the principal towns and cities.

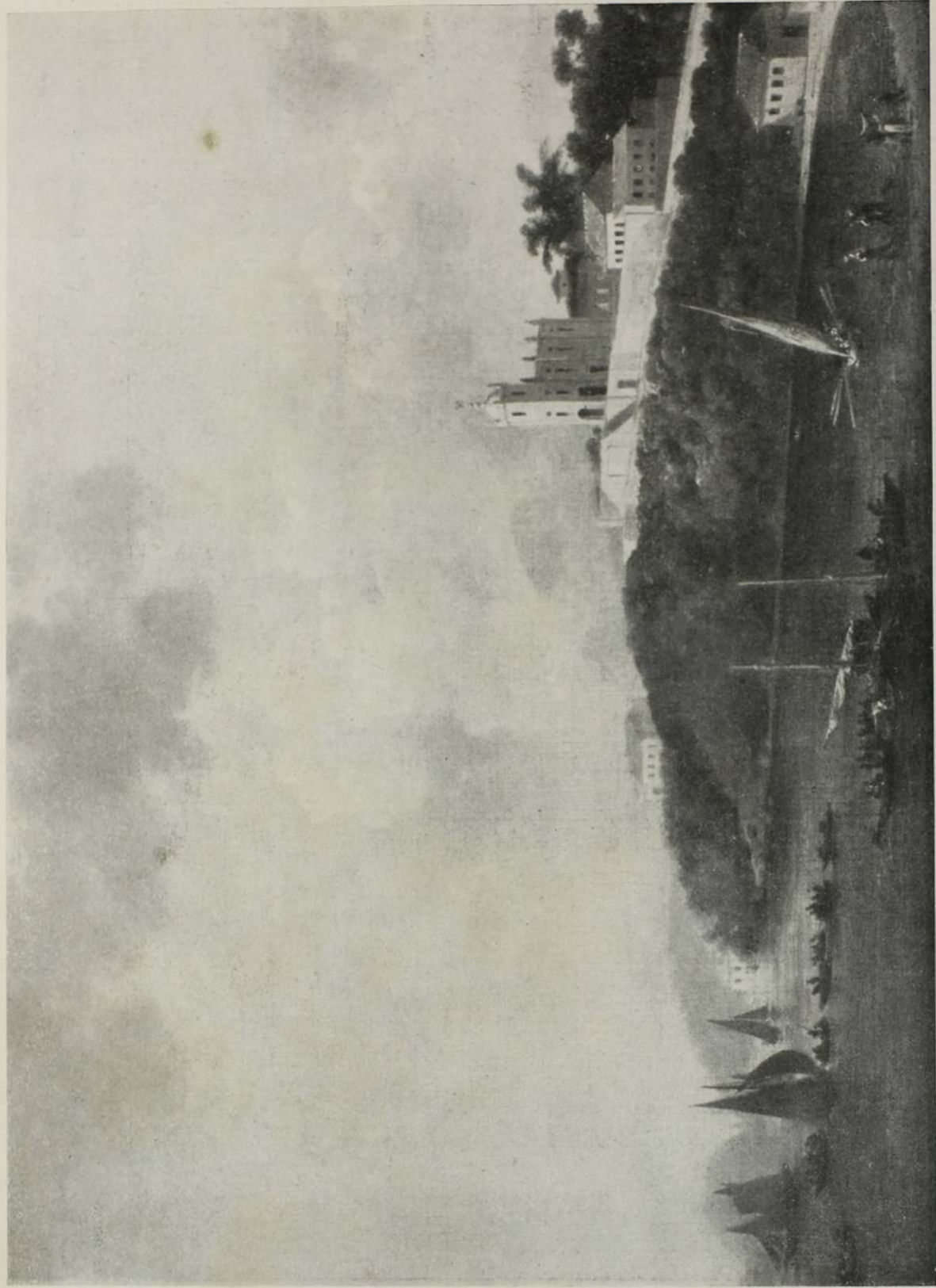
The seventh part of the report is devoted to a description of the various churches and synagogues of the principal towns and cities. It is followed by a detailed account of the various ministers and rabbis of the principal towns and cities. The report then proceeds to a description of the various sermons and prayers of the principal towns and cities. It concludes with a list of the principal churches and synagogues of the principal towns and cities.

The eighth part of the report is devoted to a description of the various sermons and prayers of the principal towns and cities. It is followed by a detailed account of the various religious festivals and customs of the principal towns and cities. The report then proceeds to a description of the various religious institutions and orders of the principal towns and cities. It concludes with a list of the principal sermons and prayers of the principal towns and cities.



ANÔNIMO
Pintura a óleo. 1818.

(Col. do Consul Alfredo Polzin).



TAUNAY (NICOLAS ANTOINE) .
Pintura a óleo. 1818.

(Col. do Dr. Raimundo de Castro Mayra)

(Col. do Dr. Raimundo de Castro Mayra)

ESPELHO B. N. 1818

LYDIA (MIGUEL VALDEZ)

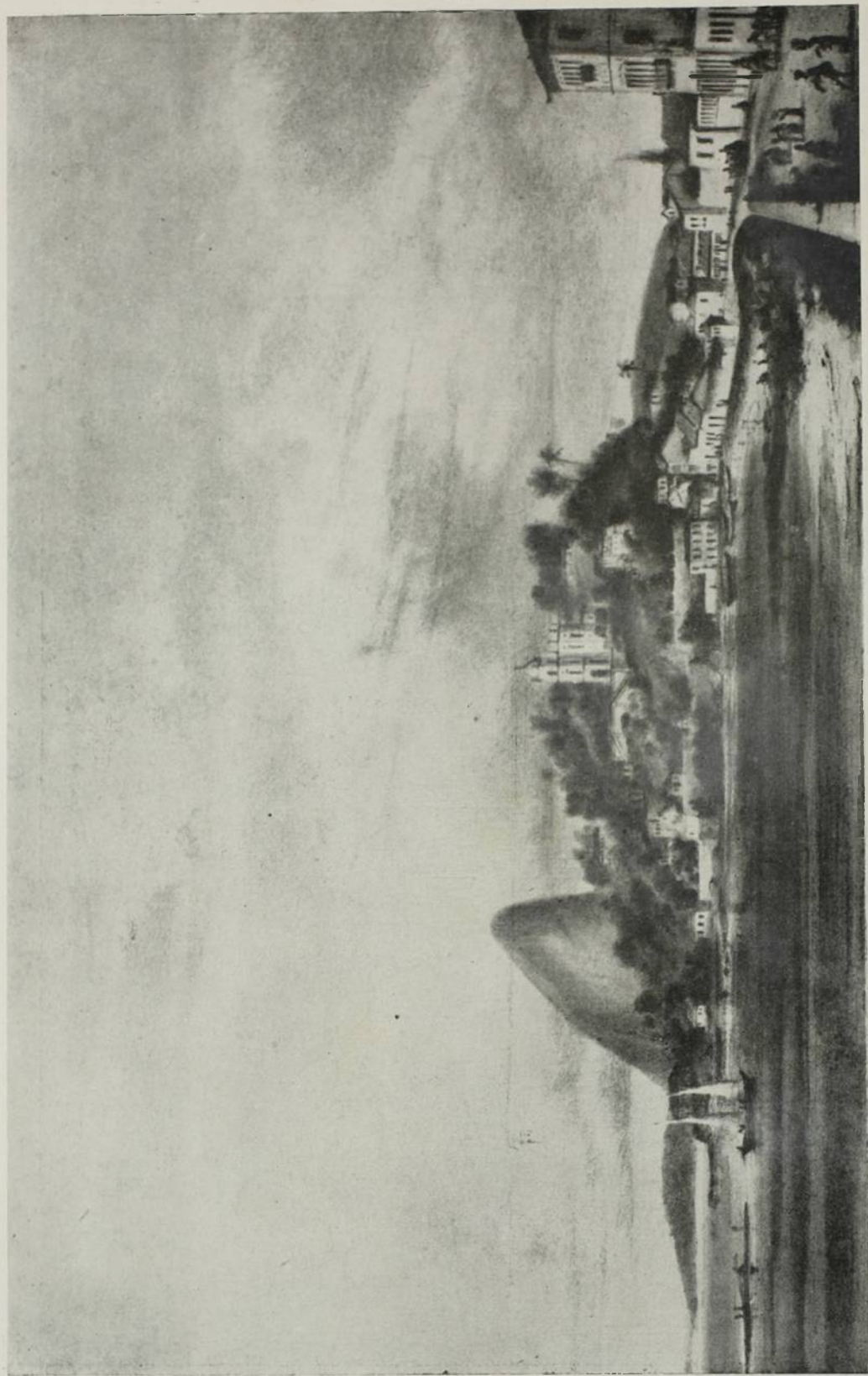
COMISSÃO COMISSÃO COMISSÃO

Col. do Sr. Instituto de Ciências Naturais



VINET.
Pintura a óleo. 1838.

(Col. da Exma. Sra. Alberto de Faria).



BUVELOT (L.).
Pintura a óleo. 1838.

(Col. do Dr. Raimundo de Castro Maya).



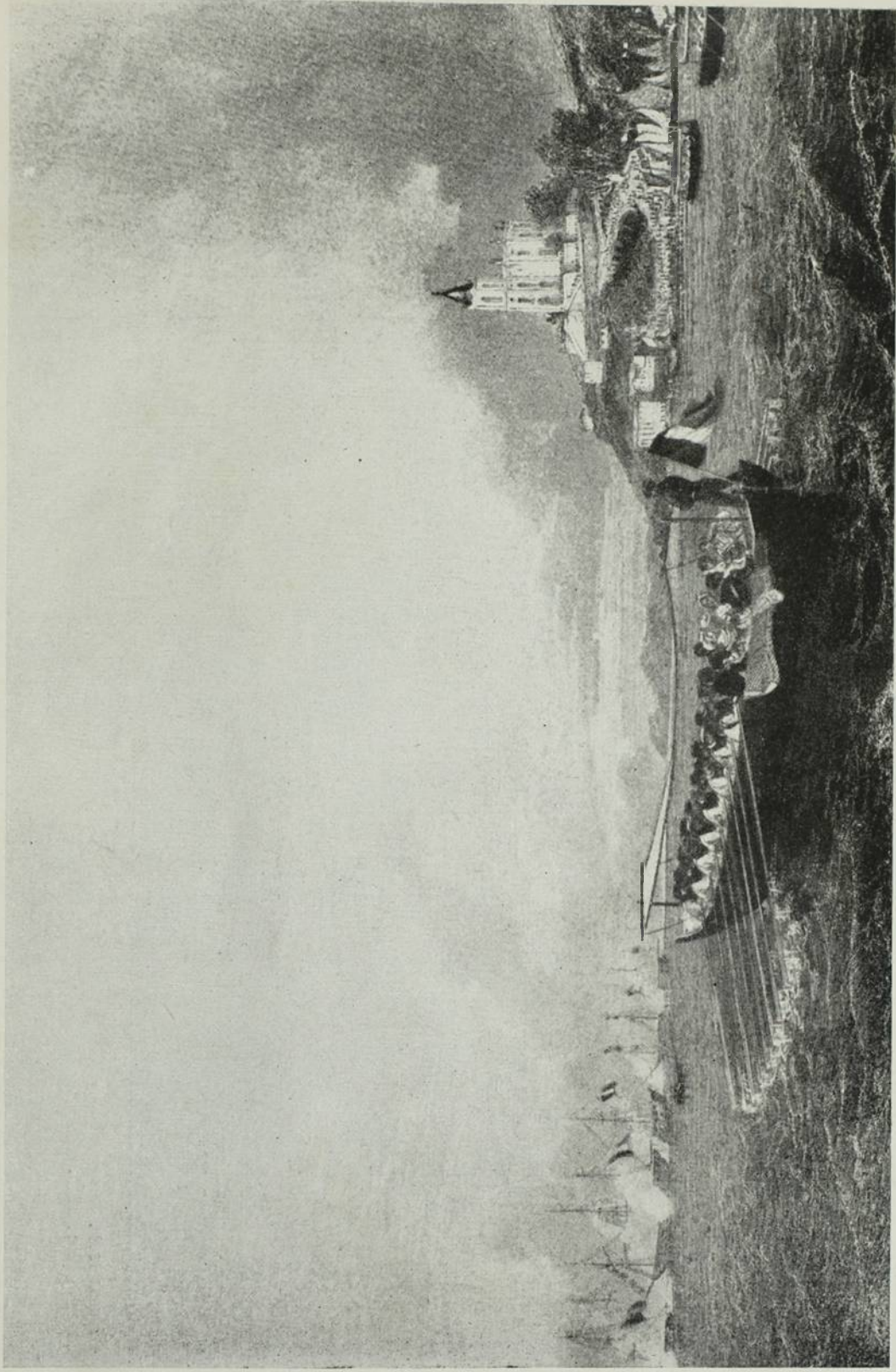
FORGET (A.).
Litografia colorida.

(Col. do Dr. Raimundo de Castro Maya)



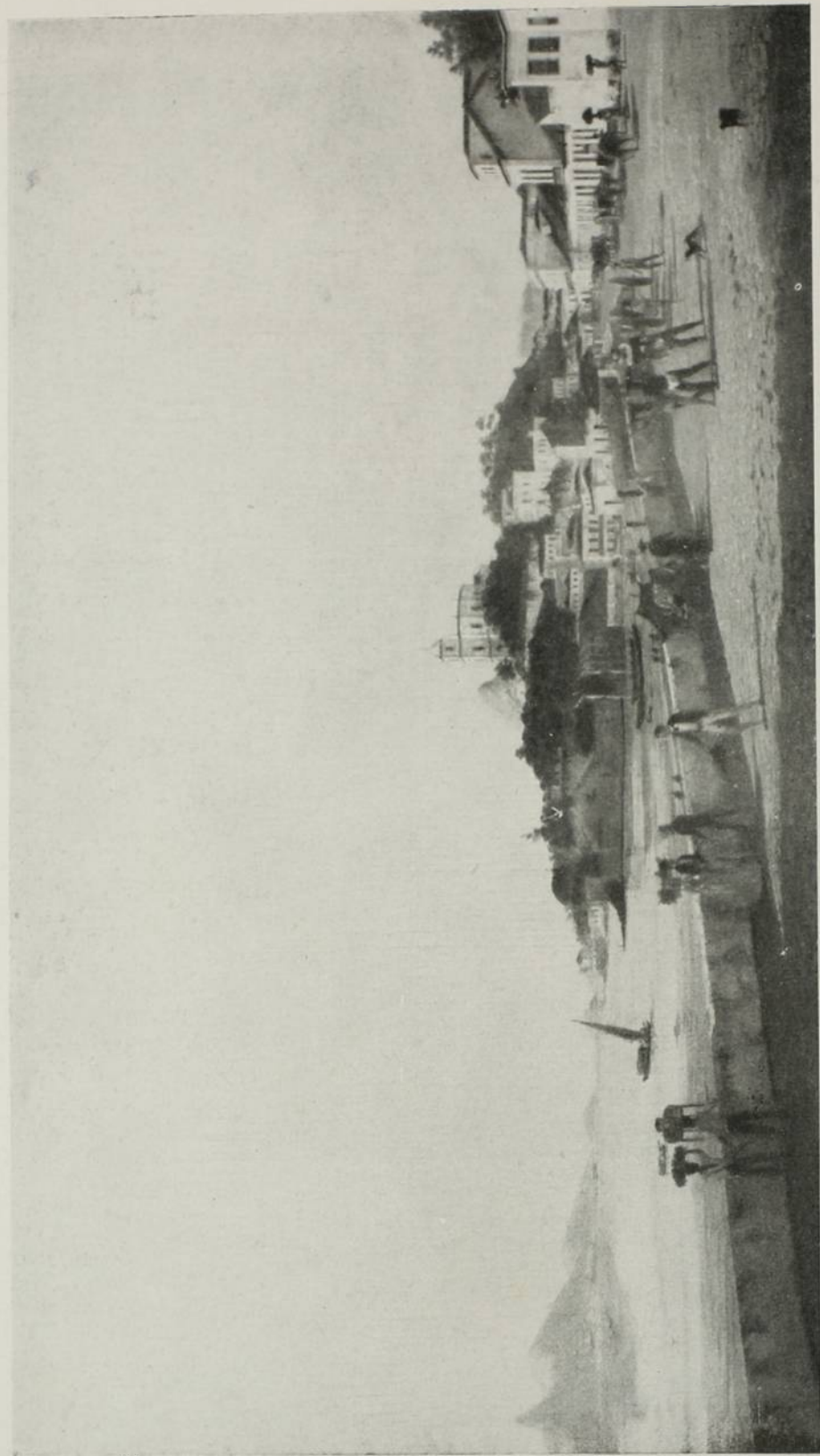
HONROOK (J. S.)
Pintura a óleo. 1838.

(Col. do Dr. Raimundo de Castro Maya)



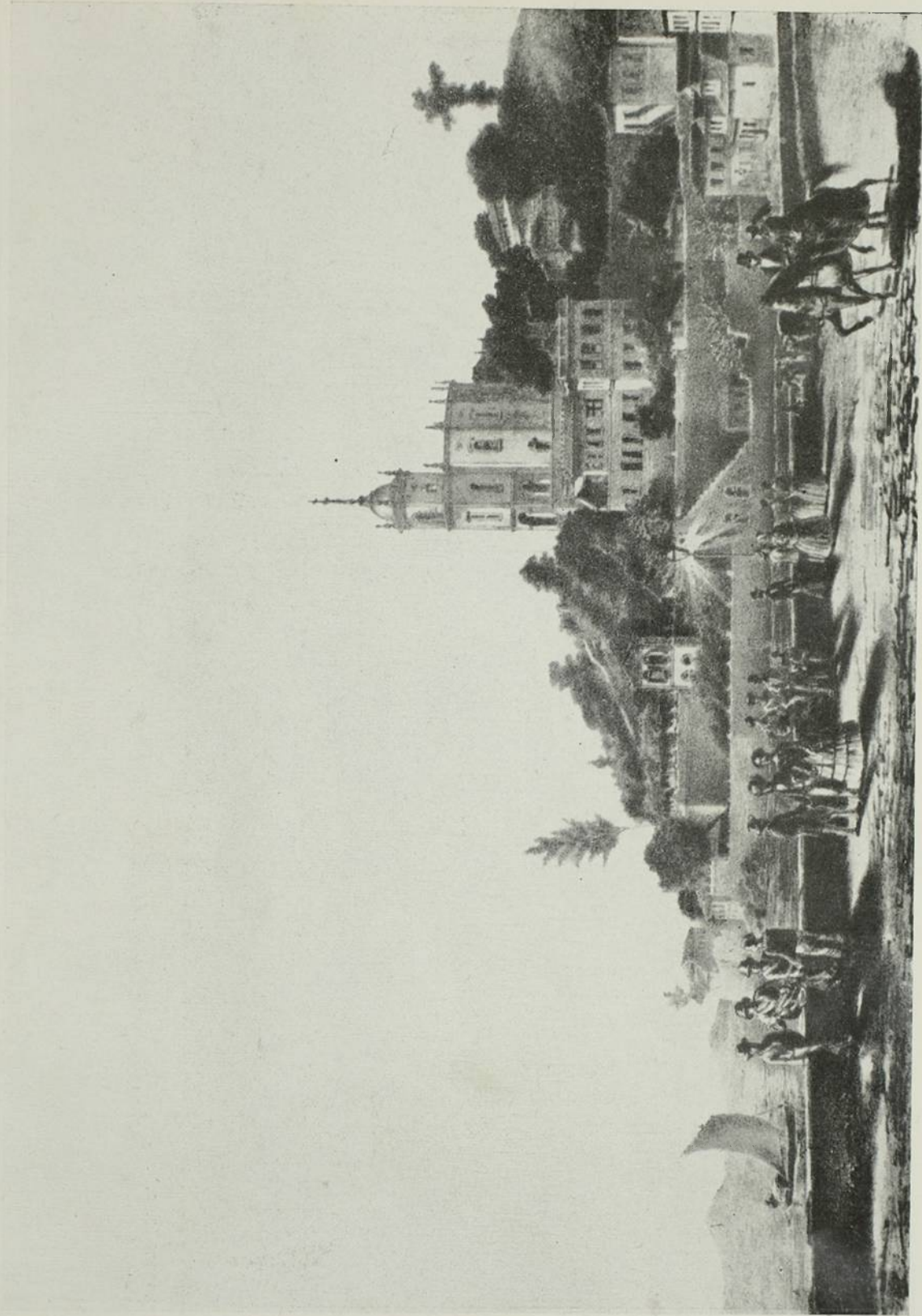
GARNERAY
Litografia. 1843.

(Col. do Dr. Tobias Monteiro).



EERTICHEM (P.).
Pintura a óleo. 1846.

(Coleção da Prefeitura do Distrito Federal).



PERTICHEM (F.).
Lithografia. Apud "Rio de Janeiro e seus arredores", 1846.

(Col. do Dr. Raimundo de Castro Maya)



MARTIN (C. J.).

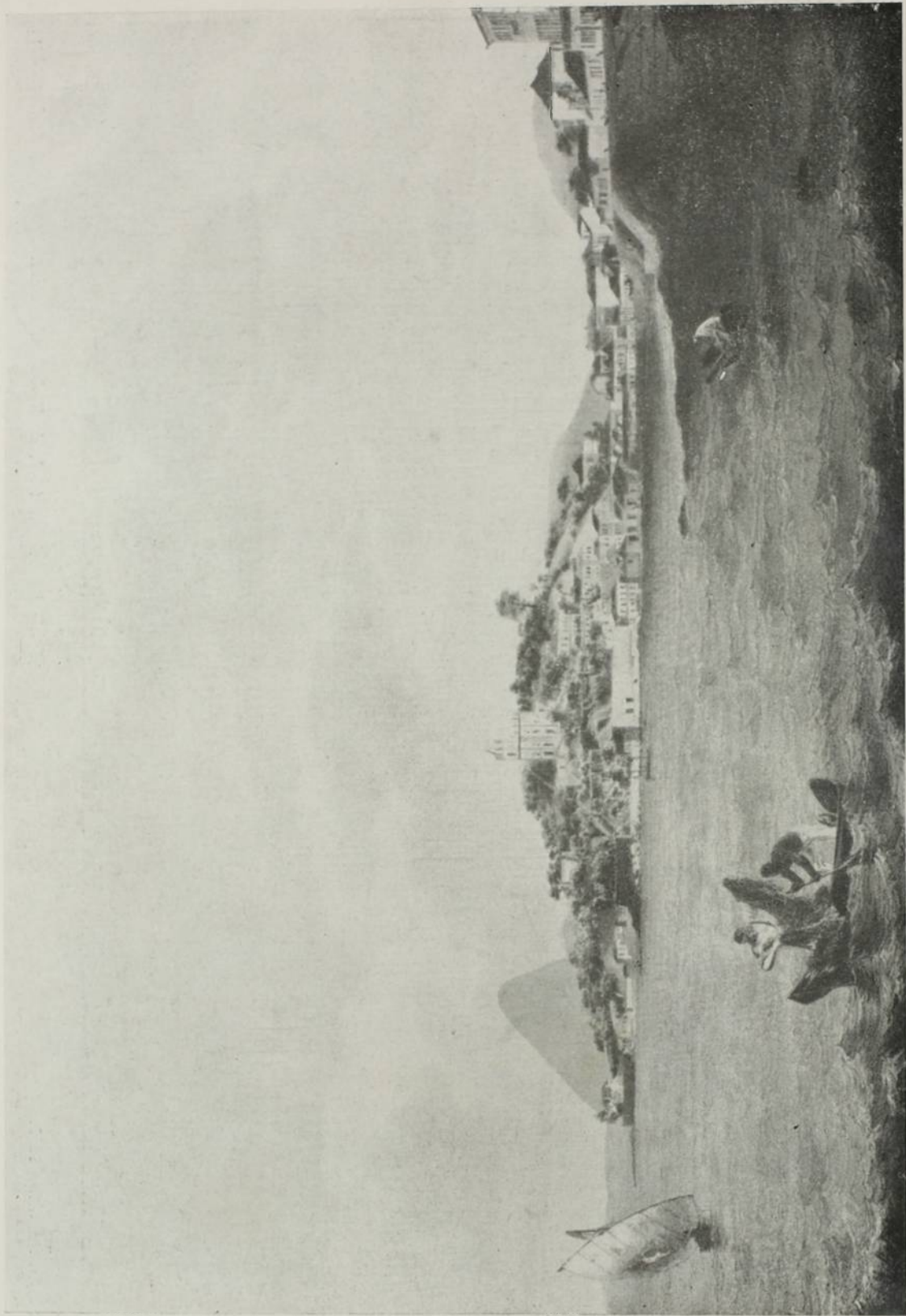
Mostra ainda as fundações do Forte da Glória ou da Carioca.

(Col. do Dr. Raimundo de Castro Maya)



CZENI (L.)
Pintura a óleo. 1850.

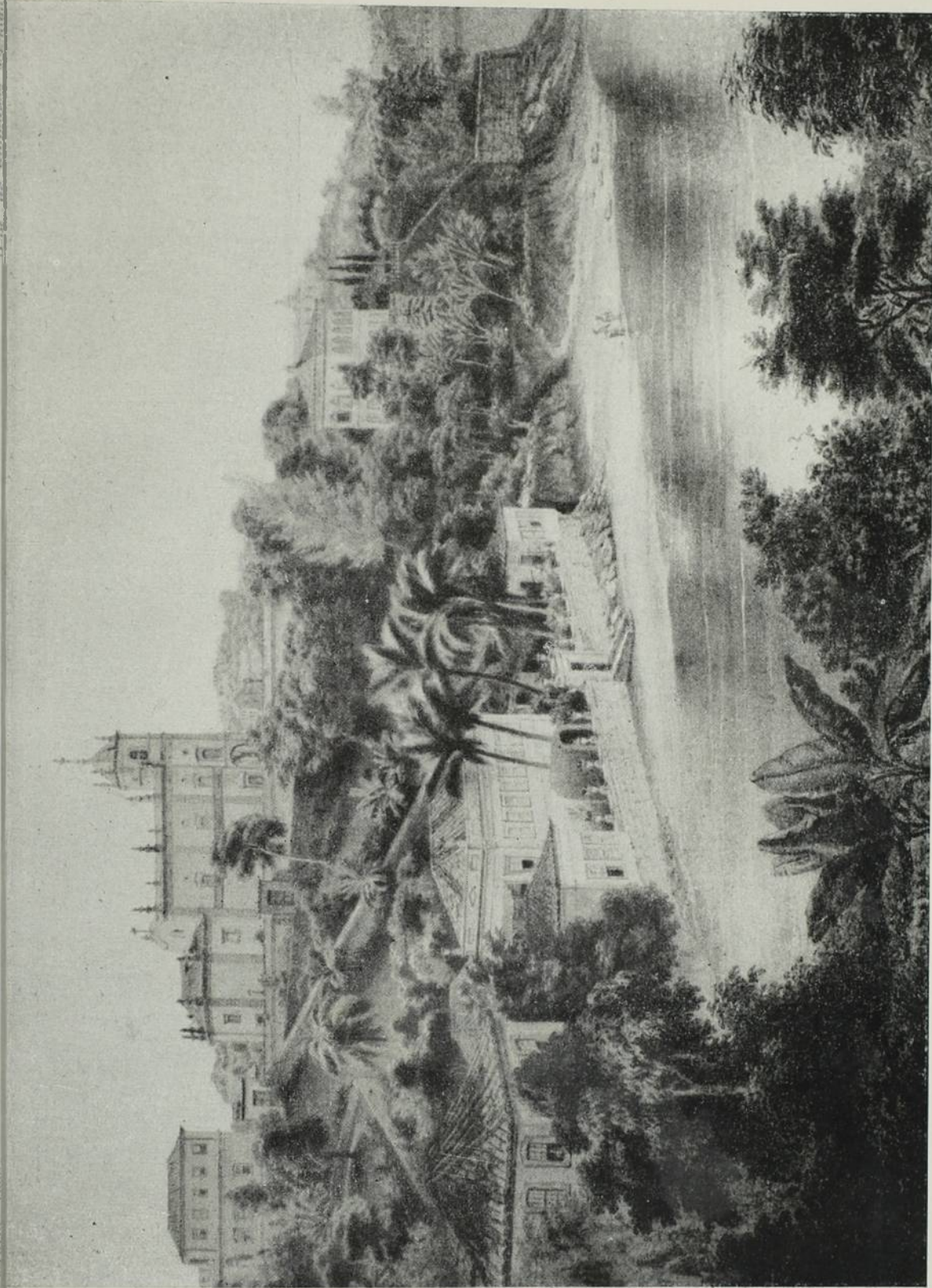
(Col. do Embarcador Félix Cavalcanti de Lacerda).



MARTINET (ALF.).
Litografia, 1869.

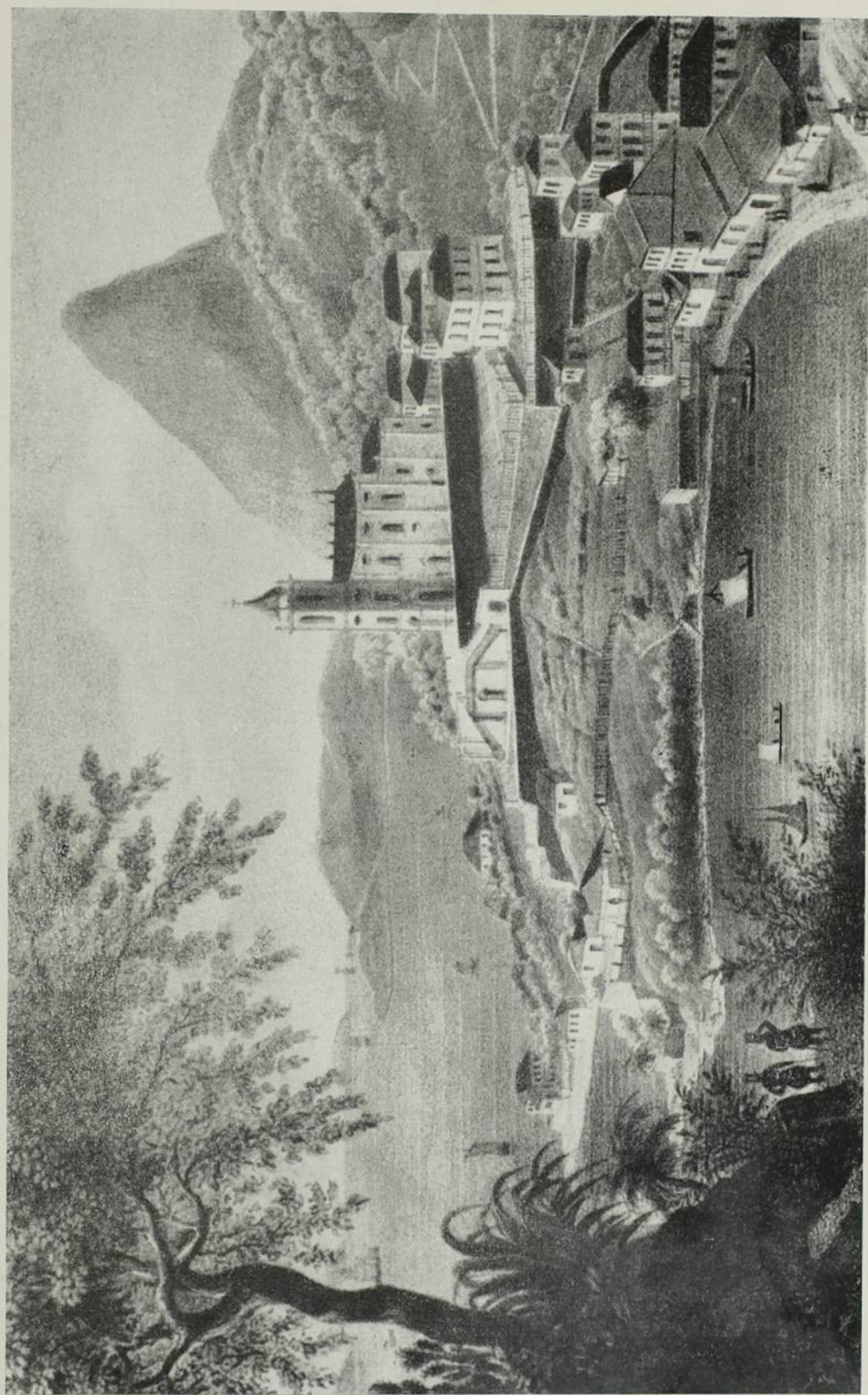
(Col. da Biblioteca Nacional)

FRANCA (1871)



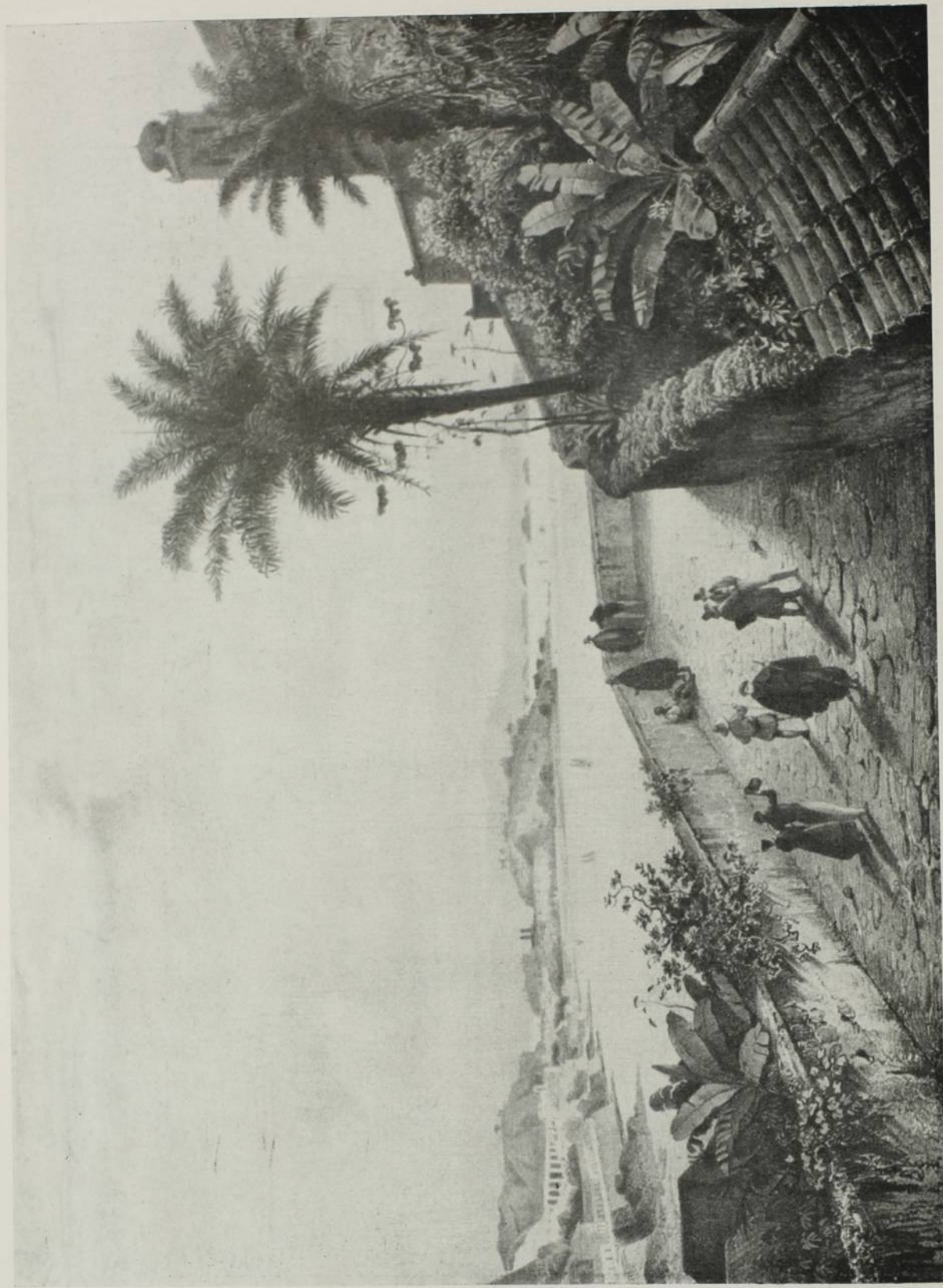
MARTINET (ALF.).
Litografia. 1869.

(Col. da Biblioteca Nacional).



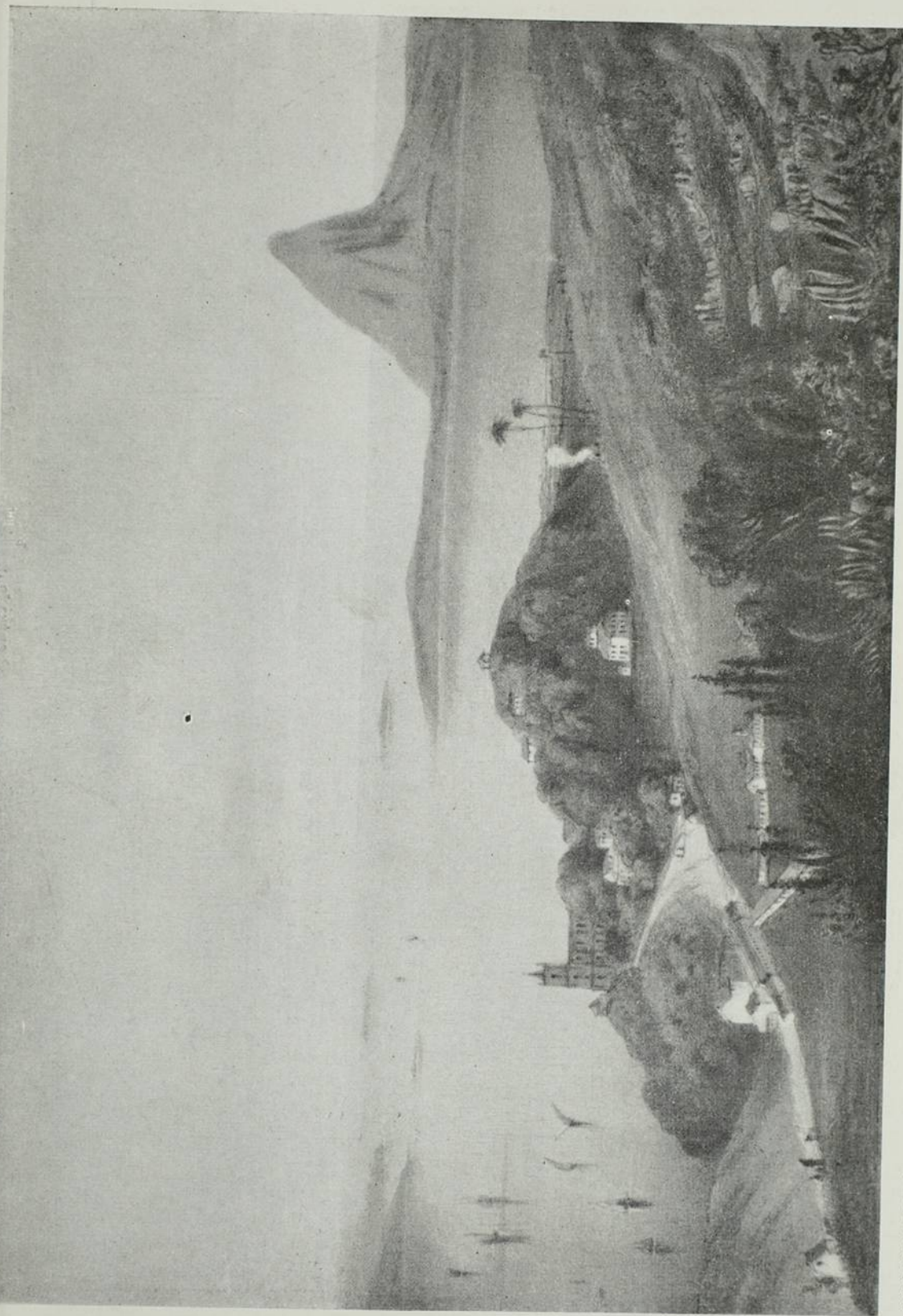
SCHUTZ (J.),
Lithografia.

(Col. do Dr. Raimundo de Castro Maya)



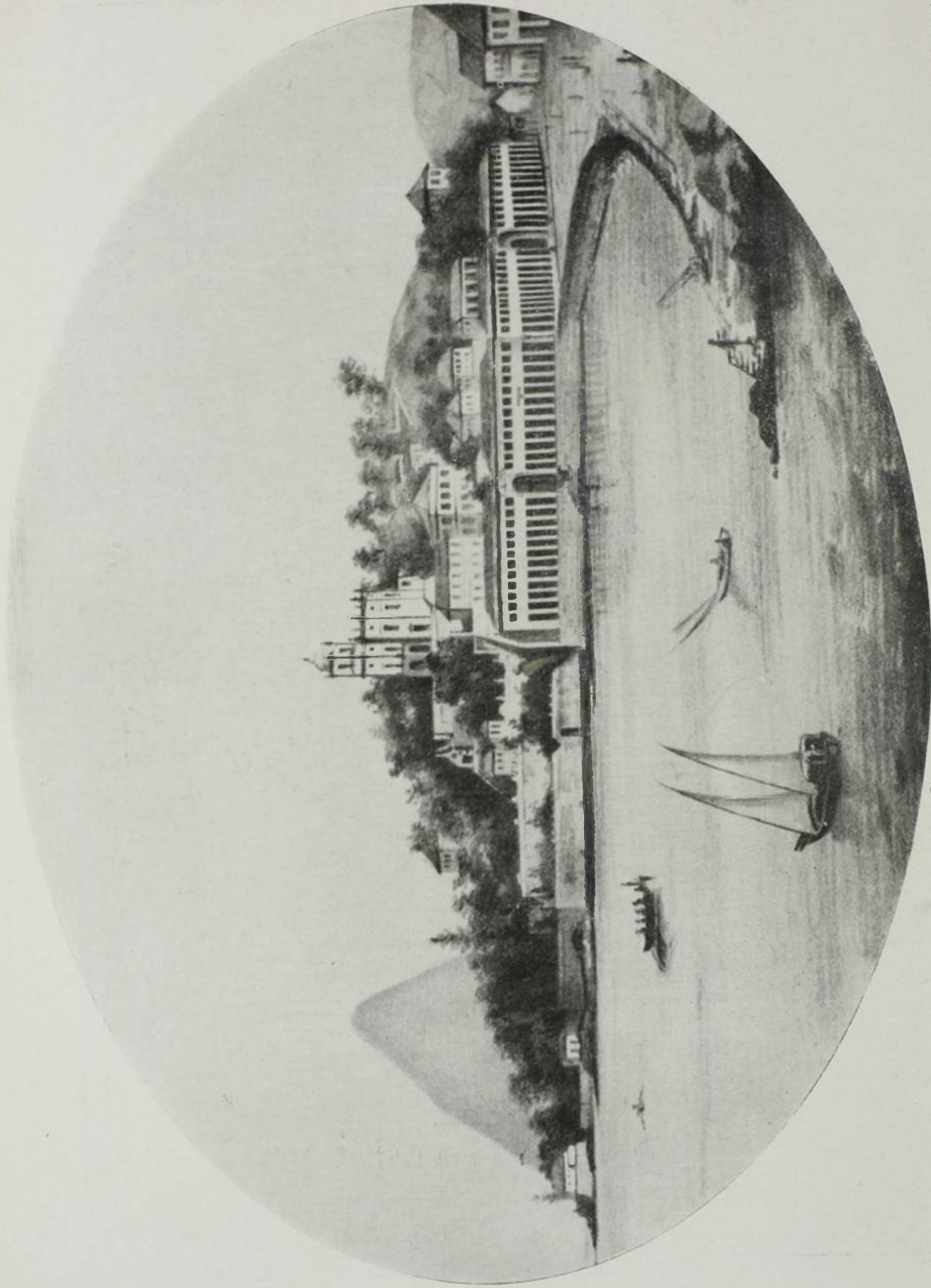
RUGENDAS (JOHANN MORITZ) .

(Col. de Desembarcador Edward Costa)



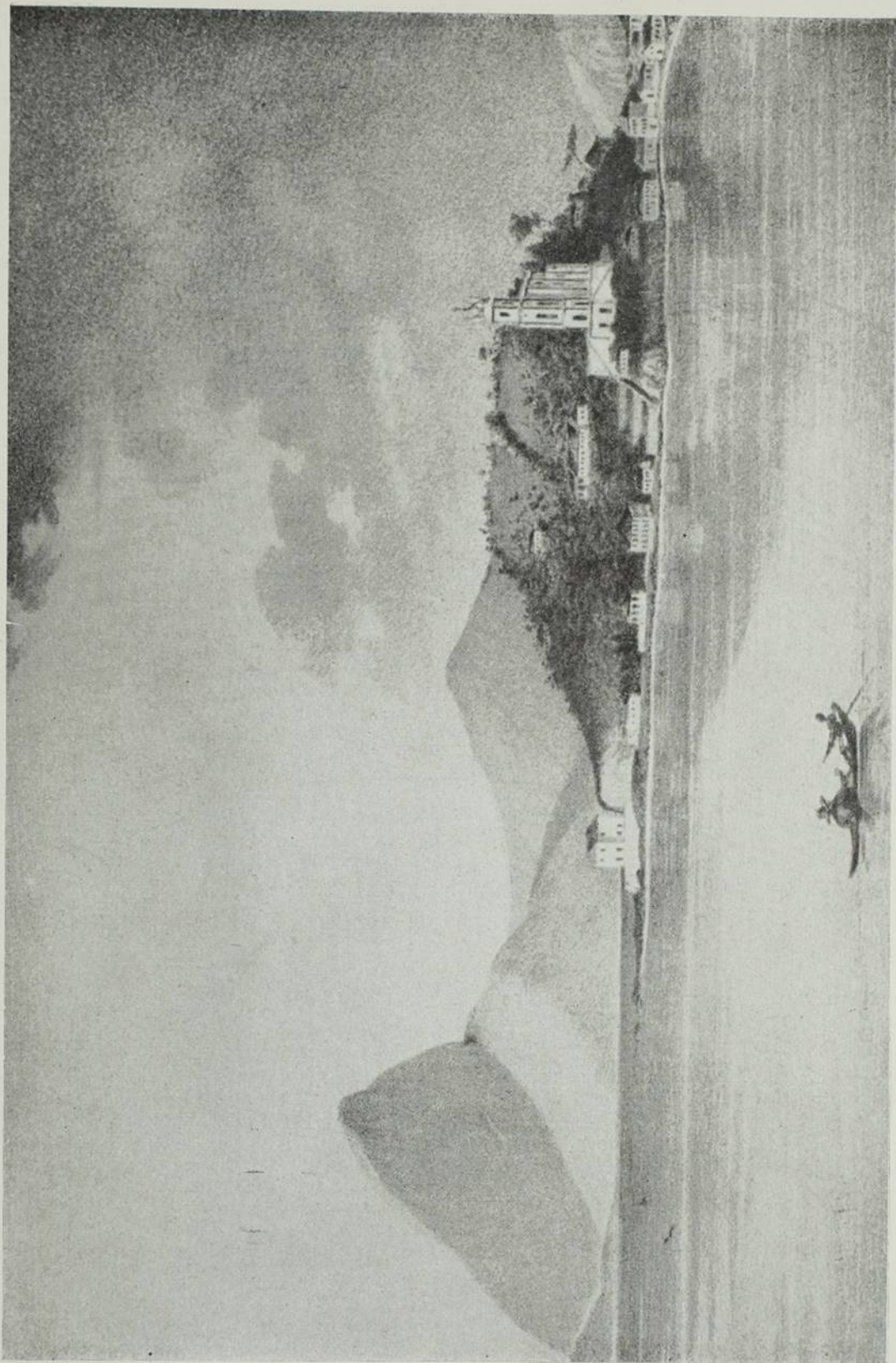
DICKSON (JAMES).
Lithografia. (Mostra os dois citeiros, o da Glória e o do Flamengo)

(Col. do Dr. Julio de Moura Monteiro).

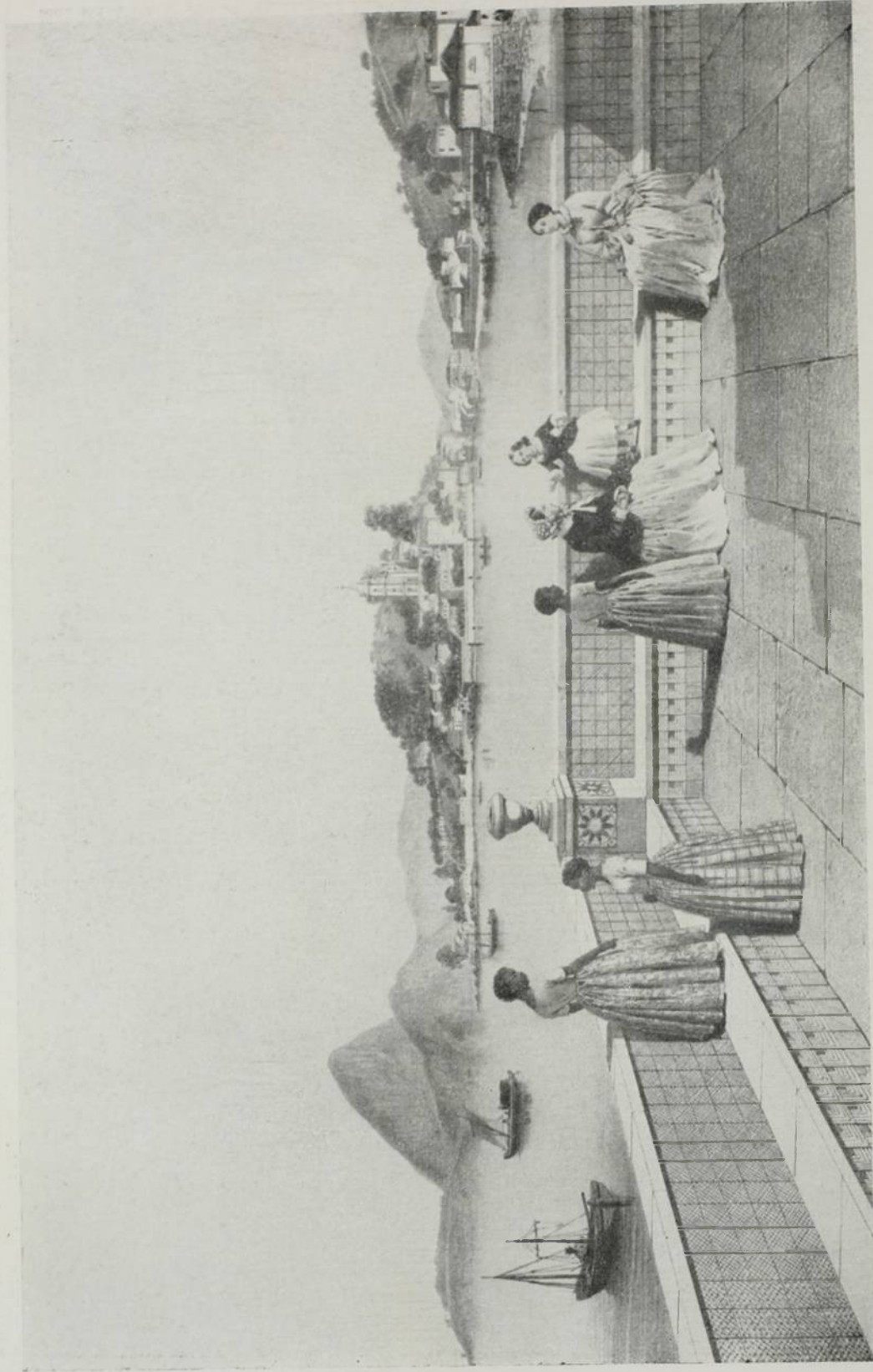


Lithografia de Sisson. (Mostra o Mercado da Glória e, à esquerda, a entrada para a pequena doca que o servia, na foz do rio Catete).
(Col. do Desembargador Edgard Costa).

... do rio Catete)



MICHELLERE (E. DE LA).
Litografía. (A Igreja assenta sobre o oiteiro da Glória; o oiteiro do Flamengo está por detrás). (Col. do Dr. Kaimundo de Castro Maya)

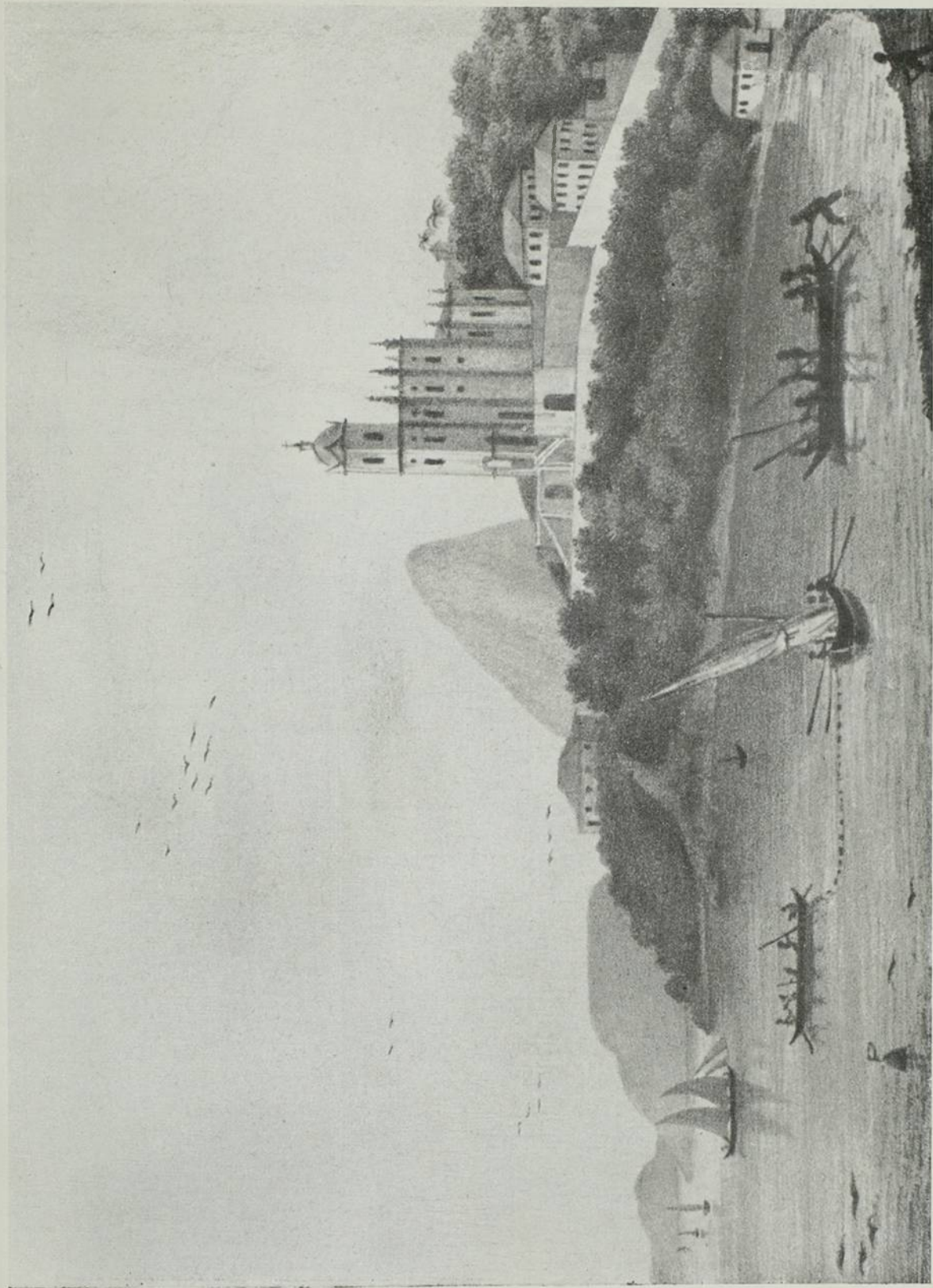


DEMONS.
Lit. por Eug. Cicéri.

(Col. do Desembargador Edgard Costa).

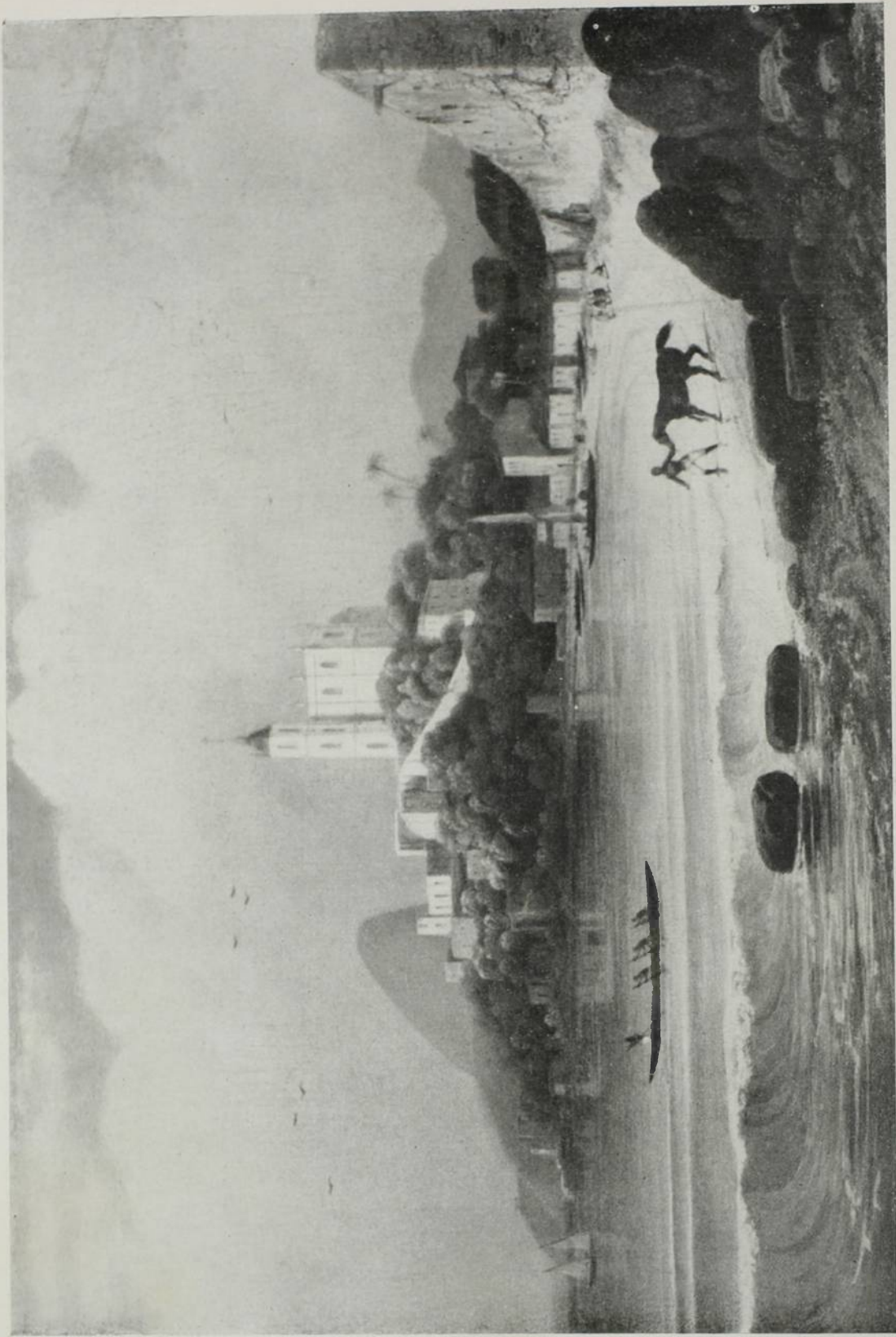
III' DOZ. ERS. CIGÉLI
DEMONS

(C) 40 Desembargador Edgard Costa



APAGO.
Litografia.

(Col. do Dr. Kaimundo de Castro Maja)

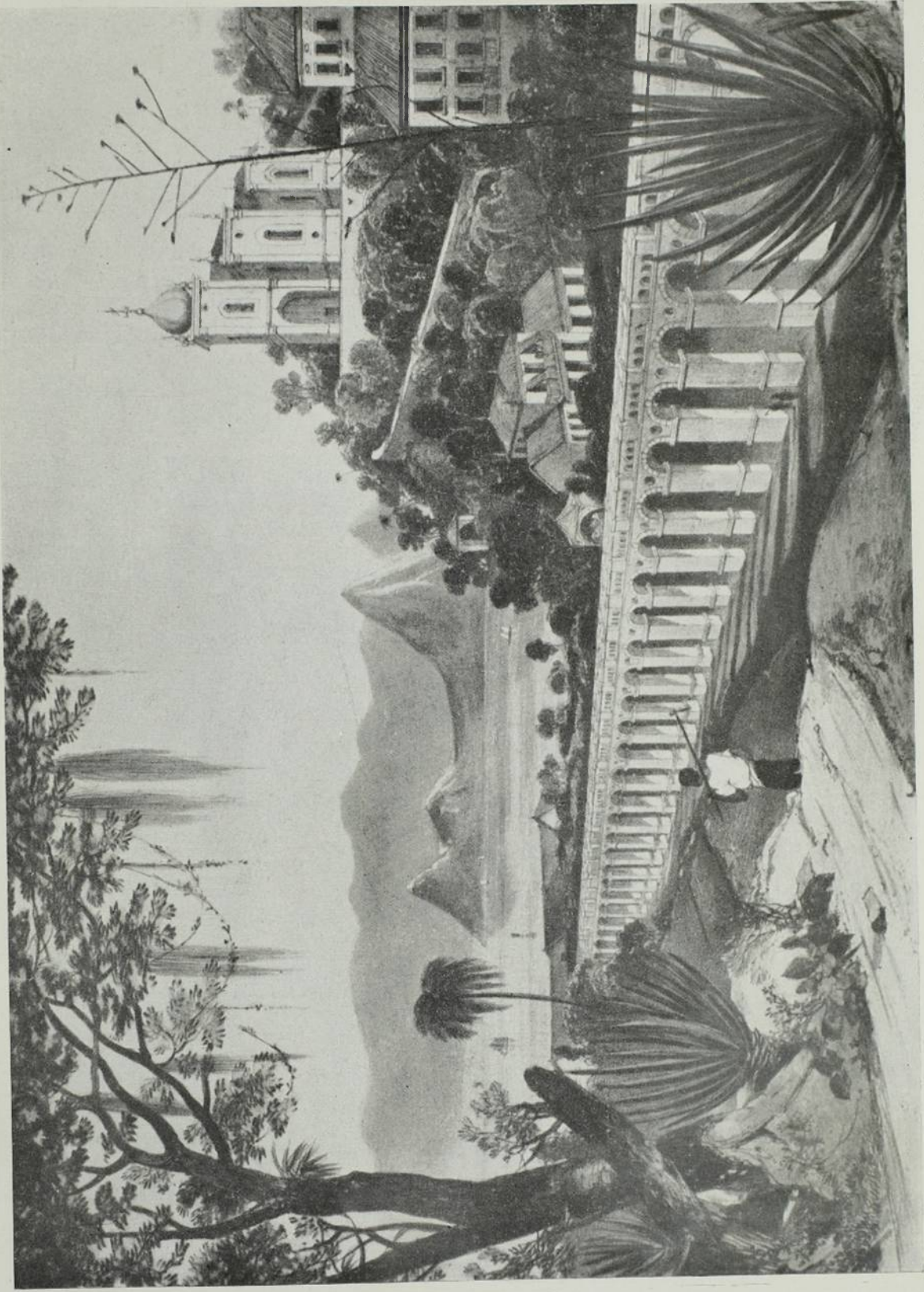


Litografia de Fisquet.

(Col. do Dr. Raimundo de Castro Maya).

Tipografia de Lisboa

(Col. do Dr. Raimundo de Castro Maya)



Litografia de Ousley.

(Col. do Dr. Julio de M. Monteiro).



TAUNAY (FÉLIX FMÍLIO).
Pintura a óleo. Ex voto.

(Col. da Irmandade de N. S. da Glória).

AS OBRAS DE RESTAURAÇÃO
EM BENEFÍCIO DA
IGREJA DE
NOSSA SENHORA DA GLÓRIA
DO OUTEIRO



Notas, em aditamento, elaboradas pela Seção Técnica do S.P.H.A.N.

Fallam per
nos habilitem a
construção de q
Do arq
soder F. A. de
incumbência de
papelis arulosa
na extensa bibl
sor Afrânio P
ções precisas
como que m
concluir que
levantada por
XVII e que
construída no
Nenhum
porem, actual

AS OBRAS DE RESTAURAÇÃO
EM BENEFÍCIO DA
IGREJA DE NOSSA SENHORA DA GLÓRIA
DO OUTEIRO

Faltam por completo textos impressos ou manuscritos que nos habilitem a reconstituir, com segurança, a história da construção da igreja de N. S. da Glória do Outeiro.

Do arquivo da respectiva Irmandade, que o douto pesquisador F. A. de Noronha Santos percorreu cuidadosamente, por incumbência desta repartição, desapareceram todos os livros e papéis avulsos de data anterior ao século XIX. Assim também, na extensa bibliografia referente à igreja, que o ilustre Professor Afrânio Peixoto resumiu no presente trabalho, as informações precisas sobre a construção do monumento são, em rigor, como que inexistentes. Fornecem apenas elementos para se concluir que, no Outeiro da Glória, houve uma ermida primitiva, levantada por Antônio Caminha na segunda metade do século XVII e que, provavelmente, foi substituída pela igreja atual, construída no decurso do século XVIII.

Nenhum dos escritores que aludem a esta última elucidada, porém, satisfatoriamente, quando terá sido realizada a sua cons-

trução. E, nos textos resumidos pelo eminente Professor Afrânio Peixoto, deparam-se-nos nada menos de três versões diversas àquele respeito: a primeira, do Santuário Mariano, segundo a qual o templo definitivo foi construído nos primeiros anos do século XVIII; a segunda, do Devocionário do Cónego Freire, que atribue o início da construção da igreja atual aos fins do ano de 1781; a terceira, finalmente, de Moreira de Azevedo, que transmite a informação de ter sido o monumento construído pelo arquiteto tenente-coronel José Cardoso Ramalho, — o que equivale a dizer tenha o mesmo sido edificado bastante mais tarde que a data indicada pelo Santuário Mariano e muito mais cedo do que o pretende o Cónego Freire, no seu Devocionário.

Examinando-se de perto as três versões acima referidas, em confronto com os subsídios que a própria edificação oferece para orientar o investigador, verifica-se desde logo a inverossimilhança manifesta do informe do Cónego Freire. Com efeito, à vista das características dos elementos construtivos e ornamentais da igreja, chega-se inevitavelmente à conclusão de que tão só alguns poucos daqueles elementos podem datar de 1781 em diante, todos êles identificáveis com facilidade pelas suas peculiaridades de estilo. Tais são: os portais trabalhados em pedra de Lioz das portas travessas e da porta principal do templo, inclusive a escultura que encima esta última; o altar-mor e os colaterais, assim como todos os demais elementos de talha sôbre madeira das tribunas e do côro; as folhas das portas travessas e as almofadas superiores das folhas da porta principal. Quanto, porém, a todos os elementos propriamente construtivos da igreja, apresentam características insofismáveis de obra muito anterior ao período final do século XVIII.

Essa conclusão leva-nos, portanto, a apurar a procedência da versão que nos foi transmitida por Moreira de Azevedo e segundo a qual o monumento terá sido edificado por José Cardoso Ramalho.

O texto do escrupuloso historiador do Rio de Janeiro relativo ao assunto é o seguinte: "Não podemos asseverar qual o arquiteto da Capela da Glória; mas revelou-nos o brigadeiro Feliciano José Neves Gonzaga que a sua avó referiu-lhe ter sido essa igreja, assim como a de S. Pedro, construídas pelo arquiteto o tenente-coronel José Cardoso Ramalho, que, tendo vindo de Lisboa, aqui tivera uma filha, a avó de Feliciano José Neves Gonzaga, e falecera na Colônia do Sacramento em serviço militar. Parece que esta notícia merece ser acreditada, não só pela pessoa que referiu-a, que é mui circunspecta, mas também por haver semelhança na construção das duas igrejas" (Moreira de Azevedo: O Rio de Janeiro. Rio, 1887, Vol. I, Cap. XIX, pág. 302).

Posto que recolhida de tradição oral, a informação tem tôdas as aparências de bem fundada, quer por ser manifestamente fidedigna a fonte indicada, quer em virtude de outra circunstância muito ponderável: tal é a de se ter verificado que, ao contrário do que ocorre com a grande maioria dos nossos monumentos de arquitetura tradicional, nos quais se observam tantas vezes imprecisões e irregularidades na transposição das medidas do risco original para o terreno, o levantamento da planta baixa da igreja da Glória do Outeiro, realizado pelo S.P.H.A.N., revelou que a difícil marcação do traçado poligonal do corpo da igreja e da capela-mor foi procedida com cuidadosa exatidão e esmerado rigor, — o que leva a presumir ter sido o trabalho executado sob as vistas de um técnico mais meticoloso do que o cos-

tumavam ser os antigos mestres do ofício. Além disso, milita ainda em sentido favorável à versão de Moreira de Azevedo o fato do referido traçado da igreja constituir uma solução que era, até então, inédita nesta cidade e que, pelas características intencionais do partido poligonal adotado, traduzia por certo um pensamento erudito, igualmente invulgar para o meio.

Uma vez que todos êsses elementos nos induzem a julgar procedente a atribuição da autoria da obra ao engenheiro José Cardoso Ramalho, cumpre apurar a época em que poderia ter sido por êle erigido o edifício. Recorrendo-se ao Dicionário Histórico e Documental dos Arquitetos, Engenheiros e Construtores Portugueses ou a Serviço de Portugal, de Sousa Viterbo, verifica-se que Ramalho foi nomeado por D. João V para o “posto de capitão de infantaria com o exercício de engenheiro da Capitania do Rio de Janeiro”, por uma carta patente datada de 15 de Setembro de 1738. Consta, entretanto, da mesma carta que, “por espaço de mais de dez anos” anteriormente àquela nomeação, já vinha José Cardoso Ramalho prestando serviços ao Rei, em Lisboa, na província do Alentejo e na vila de Mafra, “the o posto de ajudante das fortificações da dita província do Alentejo, fazendo sempre a sua obrigação, embarcandose por varias vezes assim a Ilha Terceira como a comboyar as frotas do Brasil”. Depreende-se, pois, do citado documento que, desde cêrca de dez anos antes de assumir o exercício permanente do cargo de engenheiro da Capitania do Rio de Janeiro, isto é, desde 1728, senão ainda um pouco mais cedo, já Ramalho teria podido elaborar o projeto da igreja da Glória do Outeiro e assistir ao início da respectiva construção, no ensejo de uma de suas vindas ao Brasil, a comboyar as frotas.

Sucedem, no entanto, que se observam no monumento certas características de estilo só encontradas em obras de arquitetura seiscentista ou, quando muito, em edificações que datam dos primeiros anos de século XVIII. Tal é o aspecto geral do interior da igreja, com o teto abobadado e onde, a não ser uma barra belíssima de azulejos, a única decoração consiste no contraste entre os claros da caiação da abóbada e das paredes e o escuro dos elementos arquitetônicos de cantaria. Assim são, também, as almofadas em forma de diamante, existentes no supedâneo de cantaria do altar-mor e, igualmente, nos socos das pilastras da nave, os quais não ocorrem senão raramente na nossa arquitetura do período setecentista, a menos que se trate de construções de feição tosca, onde a mão de obra trai um retardamento de gosto peculiar aos mestres e oficiais de formação popular. Não parece, por conseguinte, admissível que, sob a orientação e as vistas de um técnico erudito e recém-chegado da Europa, como José Cardoso Ramalho, se tivesse empreendido uma edificação que, internamente, se caracterizasse por uma simplicidade já então por completo fora de moda.

Prova disso é que no Mosteiro de S. Bento, desta cidade, os socos dos portais e dos arcos de cantaria já ostentavam, para os fins do próprio século XVII, ornatos de forma bem mais requintada que o simples diamante. E prova mais expressiva talvez é, aqui ainda, a igreja de São Francisco da Penitência, cuja construção, tendo sido iniciada em 1726, já apresentava pouco depois a característica correspondente às igrejas brasileiras de meados do século XVIII, isto é, o fôrro feito com tabuado corrido especialmente para receber pintura, como a que ali executou Caetano da Costa Coelho: em 1732 sobre o tecto da capela-mor e em 1737 sobre o do corpo da igreja.

Ora, se os Terceiros de São Francisco da Penitência se revelaram tão em dia com o gosto da época, não seria justificável que os membros da florescente Irmandade de N. S. da Glória do Outeiro, na mesma ocasião, se manifestassem retrógrados em relação às tendências da arquitetura religiosa do tempo, procurando dar à sua igreja uma singeleza que não condizia com os cabedais empregados na construção. E', portanto, bem mais provável e verossímil que a igreja da Glória do Outeiro tenha sido edificada não na época em que José Cardoso Ramalho foi nomeado engenheiro da Capitania do Rio de Janeiro, nem nos anos que precederam imediatamente a sua nomeação, mas sim nos primeiros anos do século XVIII ou, mais precisamente, logo em seguida ao ano de 1714, em que, segundo o depoimento idôneo do autor do Santuário Mariano, já a Irmandade possuía os recursos necessários para levantar o monumento, de pedra e cal.

Em suma, o que interessa assinalar, ao se atribuir uma data mais antiga à igreja em aprêço, é a influência que porventura tenha exercido a sua feição sôbre outras obras da nossa arquitetura religiosa. Com efeito, o traçado poligonal e ovalado da planta baixa da nave dessa igreja, traçado que se reproduz no corpo mais baixo formado pela capela-mor, os corredores, tribunas e sacristia, possui características fundamentais que fazem dela, possivelmente, a precursora das demais igrejas brasileiras em que tais características se repetiram e desenvolveram, como na valiosa nave da Matriz de N. S. do Pilar de Ouro Preto, nas igrejas de São Pedro do Rio de Janeiro e de Mariana e, finalmente, na tão conhecida e apreciada igreja do Rosário de Ouro Preto, cujo frontispício e empena foram traçados já no período final do século XVIII, por Manuel Francisco de Araújo, conforme o apurou o S.P.H.A.N. nos livros da respectiva Irmandade.

Foi atendendo à importância acima indicada da igreja da Glória do Outeiro entre os monumentos de nossa arquitetura tradicional, que o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional tomou a iniciativa de proceder aos estudos necessários para o fim de beneficiar a preciosa edificação, gravemente prejudicada na sua feição primitiva, em consequência de reformas sucessivas e mal orientadas.

Os planos então elaborados pela Secção Técnica desta repartição e que serviram de base às obras, incluíram, externamente, entre outras providências, a remoção dos palanques dos velhos coretos que enfejavam o belo adro, cujos paredões de arrimo foram revestidos de novo e caiados, bem como a retirada das varandas corridas apostas às fachadas laterais da igreja em 1847 e que, por cortarem os fustes dos cunhais a meia altura, tão gravemente comprometiam a unidade e clareza do partido plástico adotado na composição arquitetônica do monumento.

Internamente as obras realizadas foram, porém, de maior vulto. Foi retirada a pintura que encobria as pilastras, entablamento, arcos-duplos e demais elementos construtivos de cantaria, caiando-se de branco as paredes e a abóboda, e substituiu-se o piso de ladrilhos de cimento por piso de pranchões de madeira dividido em "campas" à moda antiga. O revestimento de mármore do presbitério, obra executada em 1890, foi igualmente arrancado e reconstruído com cantaria, de acôrdo com os fragmentos do embasamento primitivo encontrado no próprio atêrro do supedâneo. Foram também removidas as numerosas placas comemorativas, o grande lustre e o pretencioso paravento, que enfejavam a igreja, substituindo-se, ainda, o pesado confessional novo por outro da época, gentilmente cedido por troca pelo

Mosteiro de São Bento. Foi finalmente retirado o vitral do óculo sôbre o arco-cruzeiro, óculo posteriormente emparedado por se ter verificado ser obra da primeira metade do século XIX e não participar, portanto, da estrutura primitiva da igreja, na qual a cercadura de todos os vãos originais é sempre de pedra.

Quanto aos retábulos e demais obras de talha, apurou-se haverem sido inteiramente repintados e "dourados" em 1885, pintura e douramento ordinários que muito contribuíam para prejudicar o mérito artístico daquelas obras. Diante da impossibilidade material de se recuperar a pintura mais antiga, foi adotado o critério de removê-la tôda, preservando-se tão somente aqueles raríssimos pontos onde se conservava ainda o ouro de lei. As banquetas dos três altares foram mantidas sem qualquer intervenção por se apresentarem com a pintura e douramento anteriores, ou sejam, os de 1828.

Resultou dessa providência não só maior valorização de tôda a obra de talha, como a sua melhor integração no severo conjunto arquitetônico da igreja, porque assim ficaram atenuadas as diferenças de estilo, tão marcadas, decorrentes da circunstância das obras terem sido executadas com grande intervalo numa época em que o gôsto sofria acentuada transformação.

Nestas condições, se acaso, algum dia, a Imperial Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro pretender dourar os retábulos da sua capela, com ouro em folha, dever-se-á procurar a melhor forma de ainda manter-se então, apesar dêsse novo acabamento, a unidade relativa já agora tão vantajosamente alcançada. Com um tal objetivo seria aconselhável proceder-se ao douramento integral dos retábulos, como ainda era de uso quando se construiu a igreja, na primeira metade do século XVIII, de

preferência a fazer douramento parcial com fundo branco e “fingimentos” de côr, como seria o caso se se devesse levar tão sómente em conta o estilo da obra de talha.

Tôdas as obras acima aludidas foram realizadas por esta repartição, contando com o perfeito espírito de cooperação da mesa administrativa da Imperial Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro, sob a operosa provedoria do Snr. Comte. Thiers Flemming.

Importa consignar, porém, que a primeira caiação externa da igreja (algum tempo descaracterizada, por que revestida com cimento), bem como a recuperação do interessante fôrro pintado da sacristia, encoberto por fôrro ordinário sobreposto ao antigo, foram obras realizadas por iniciativa da própria Irmandade quando administrada pelo provedor Snr. Comendador Antônio Leite da Silva Garcia, — anteriormente, portanto, à intervenção ali do S.P.H.A.N.

provisione a terra... (faint text)

... (faint text)

... (faint text)

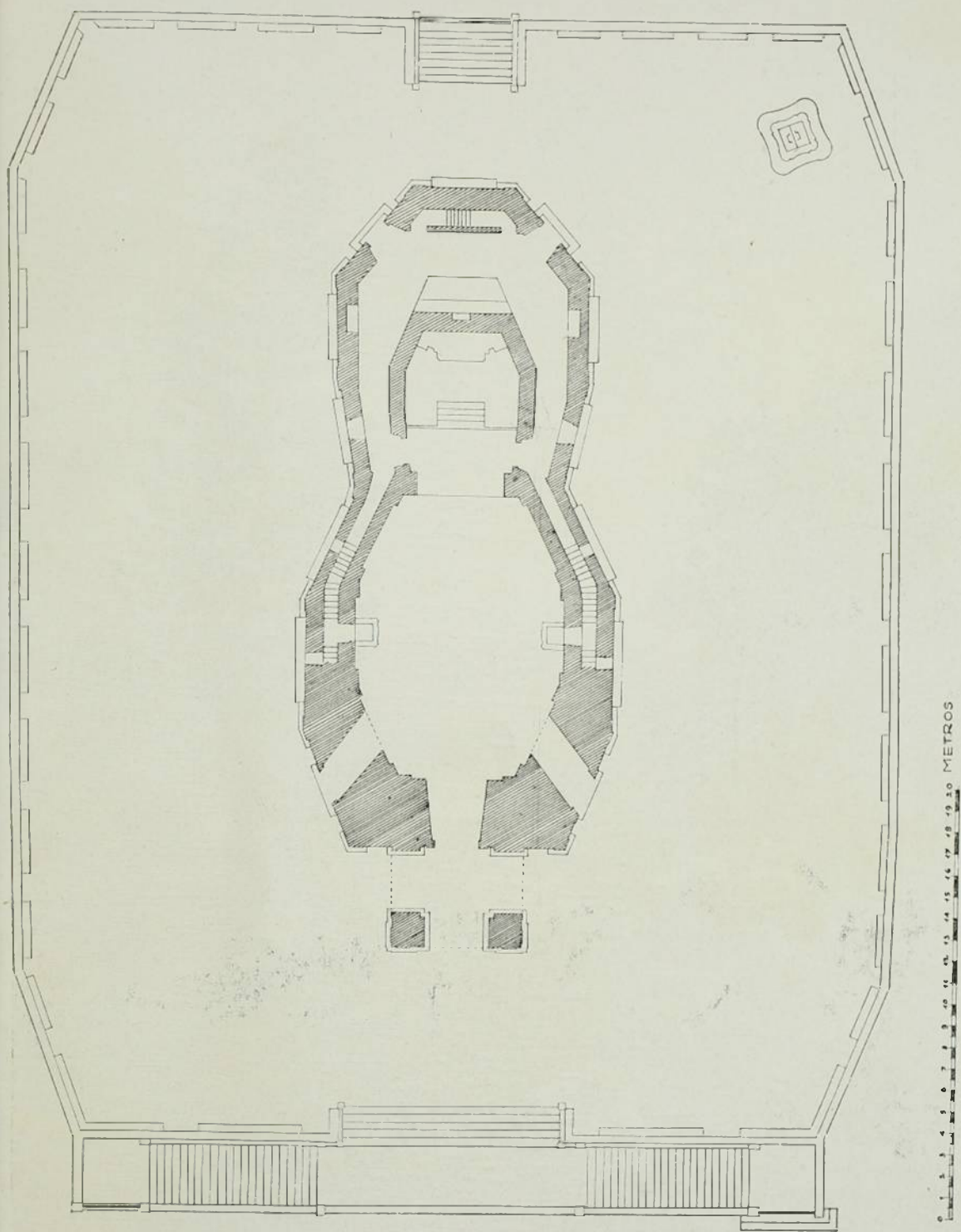
... (faint text)

... (faint text)

... (faint text)

... (faint text)

... (faint text)



Planta geral da igreja de N. S. da Gloria do Oiteiro, compreendendo o respectivo adro



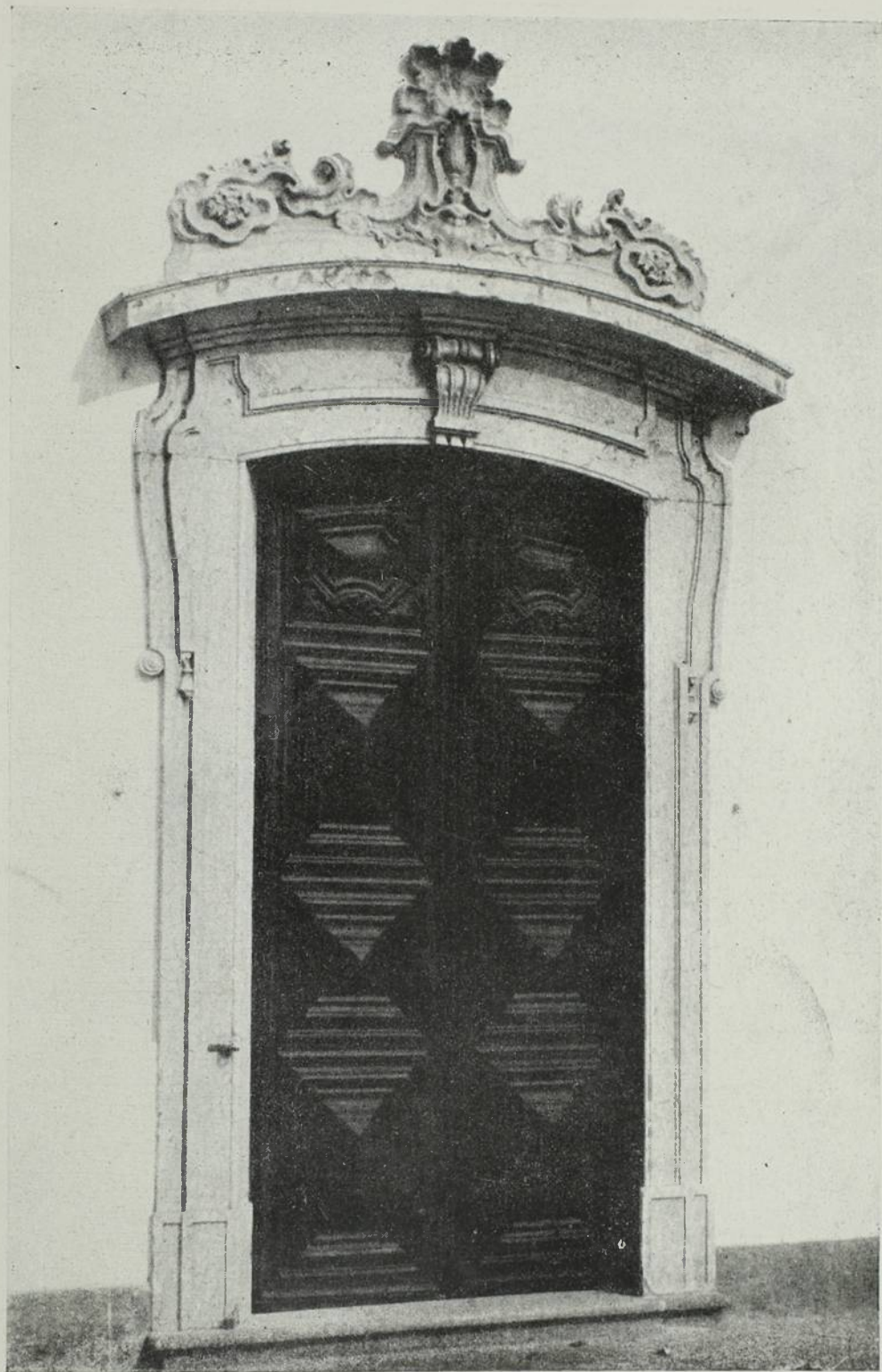
Vista da igreja tirada do Morro de Santa Tereza



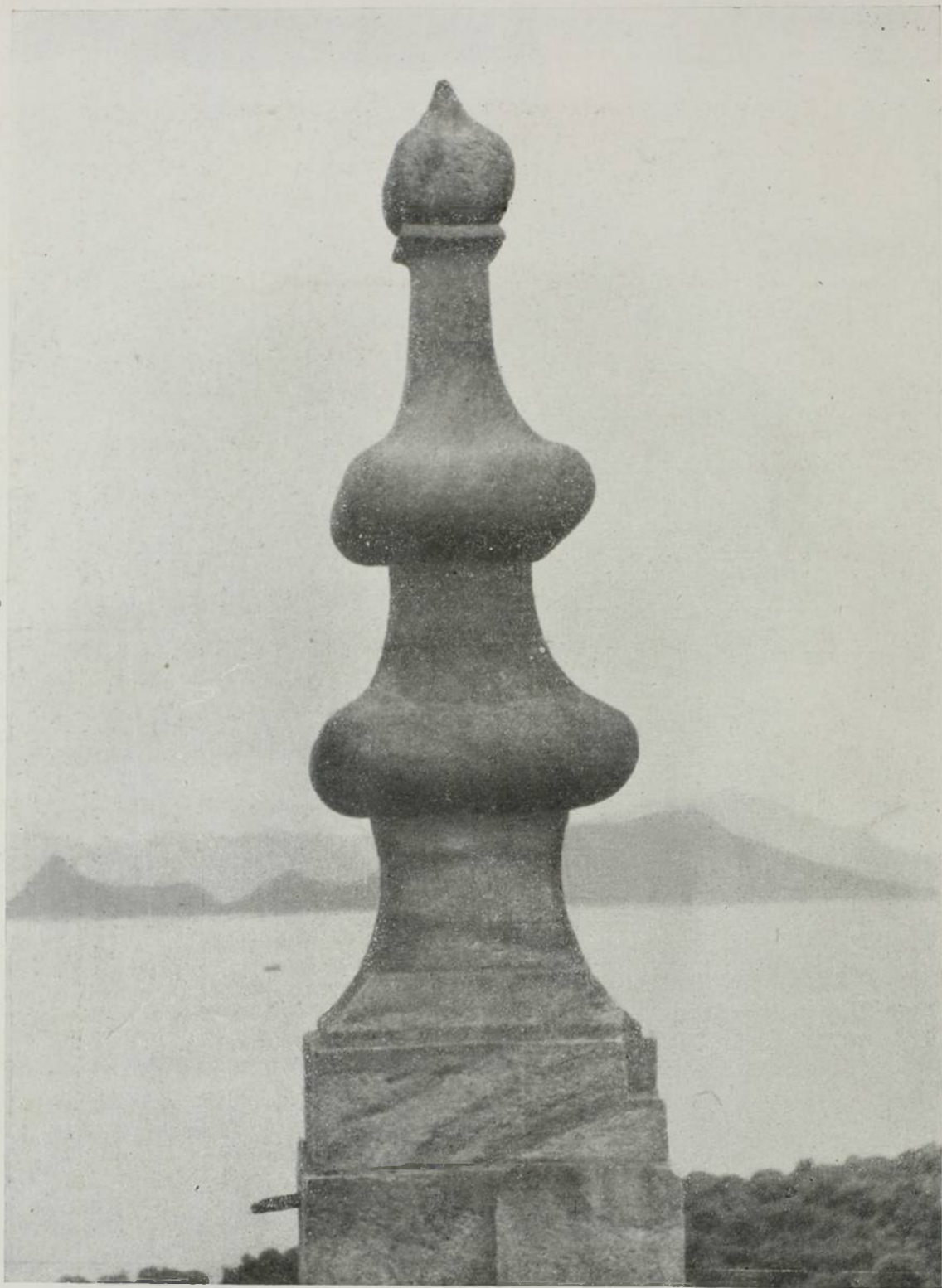
Fachada da igreja, depois de restabelecido o seu aspecto primitivo, com a retirada das sacadas laterais corridas, cuja bacia e guarda-corpo interceptavam os cunhais a meia altura.



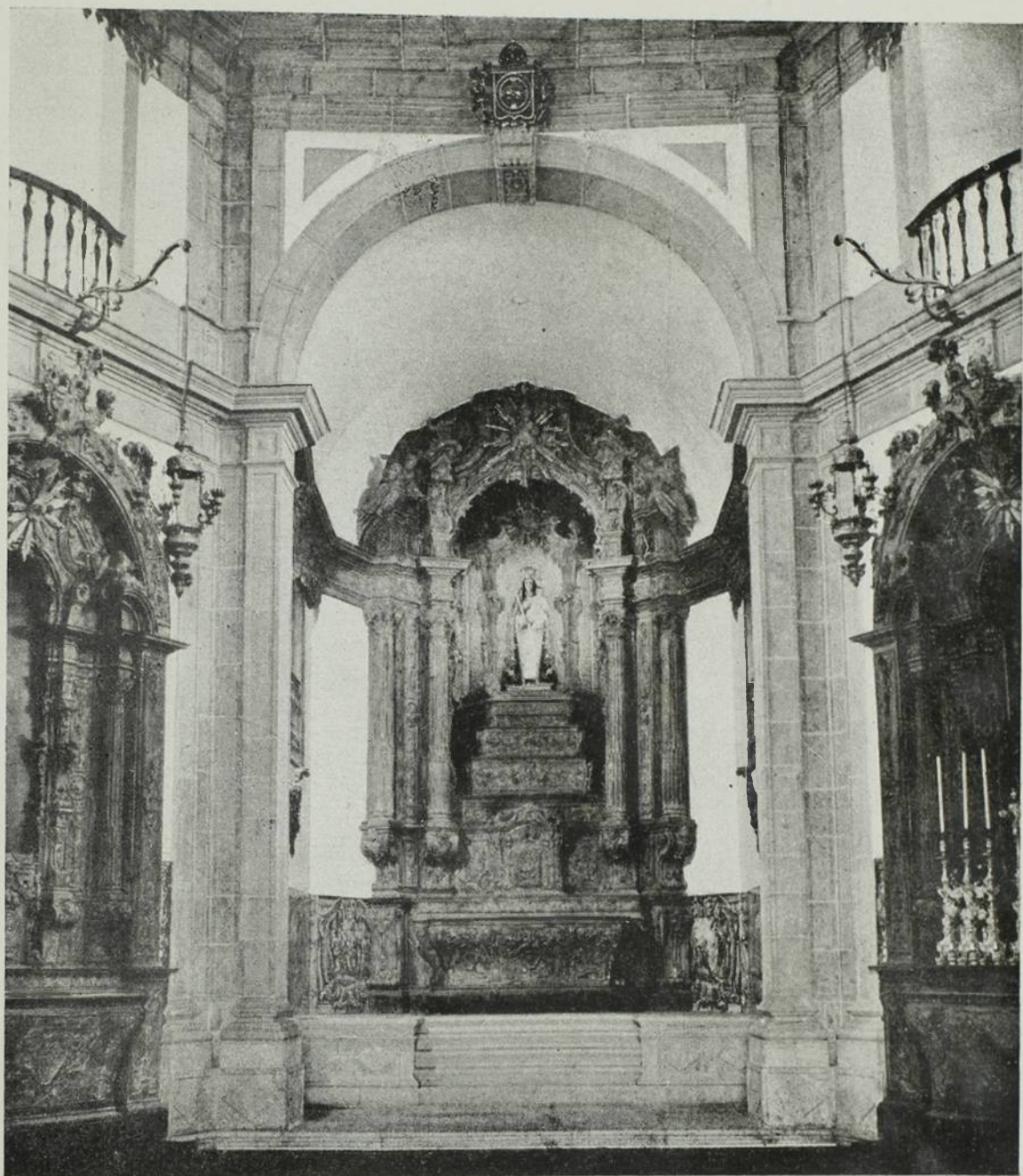
Pórtico de cantaria, vendo-se a portada de mármore de Lioz, obra esta característica da 2.^a metade do século XVIII



Porta travessa, com bela cercadura de mármore português



Formenhor do corucheu de um dos cunhais

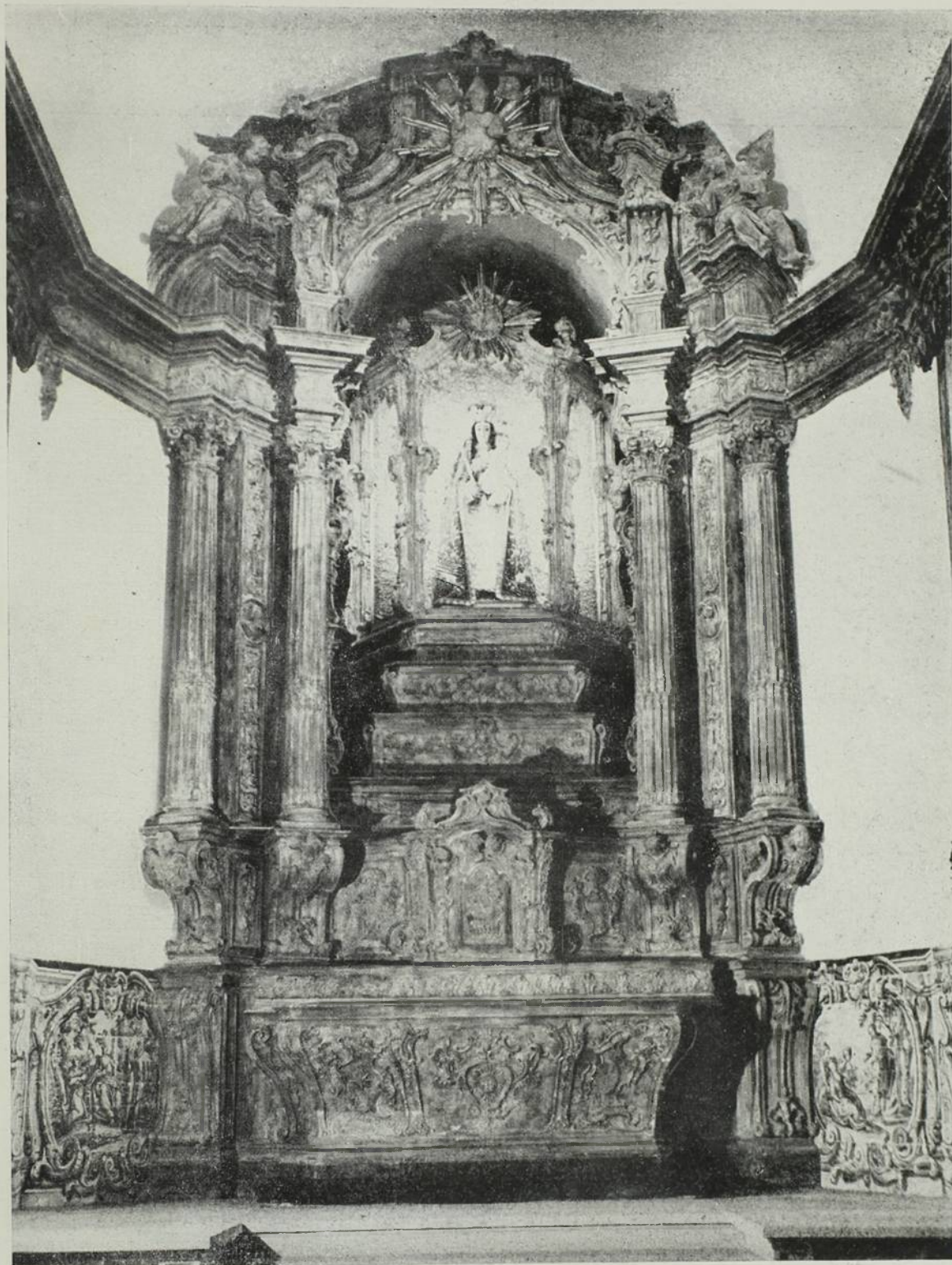


Aspecto do interior da igreja, distinguindo-se o arco-cruzeiro, de granito, depois de retirada a pintura que o encobria, a capela-mor e os dois altares colaterais

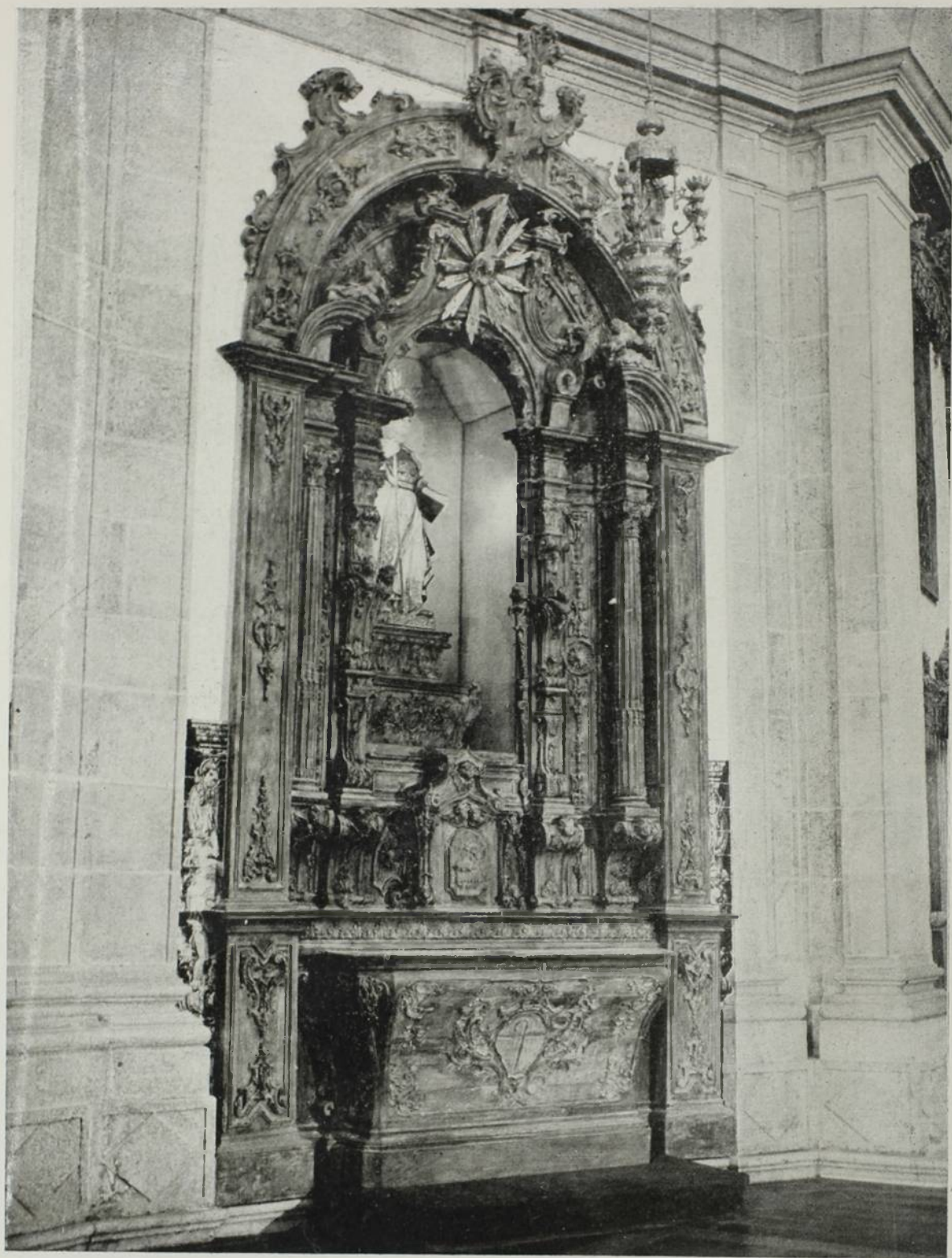


A capela-mór, com o supedâneo do presbitério já restaurado

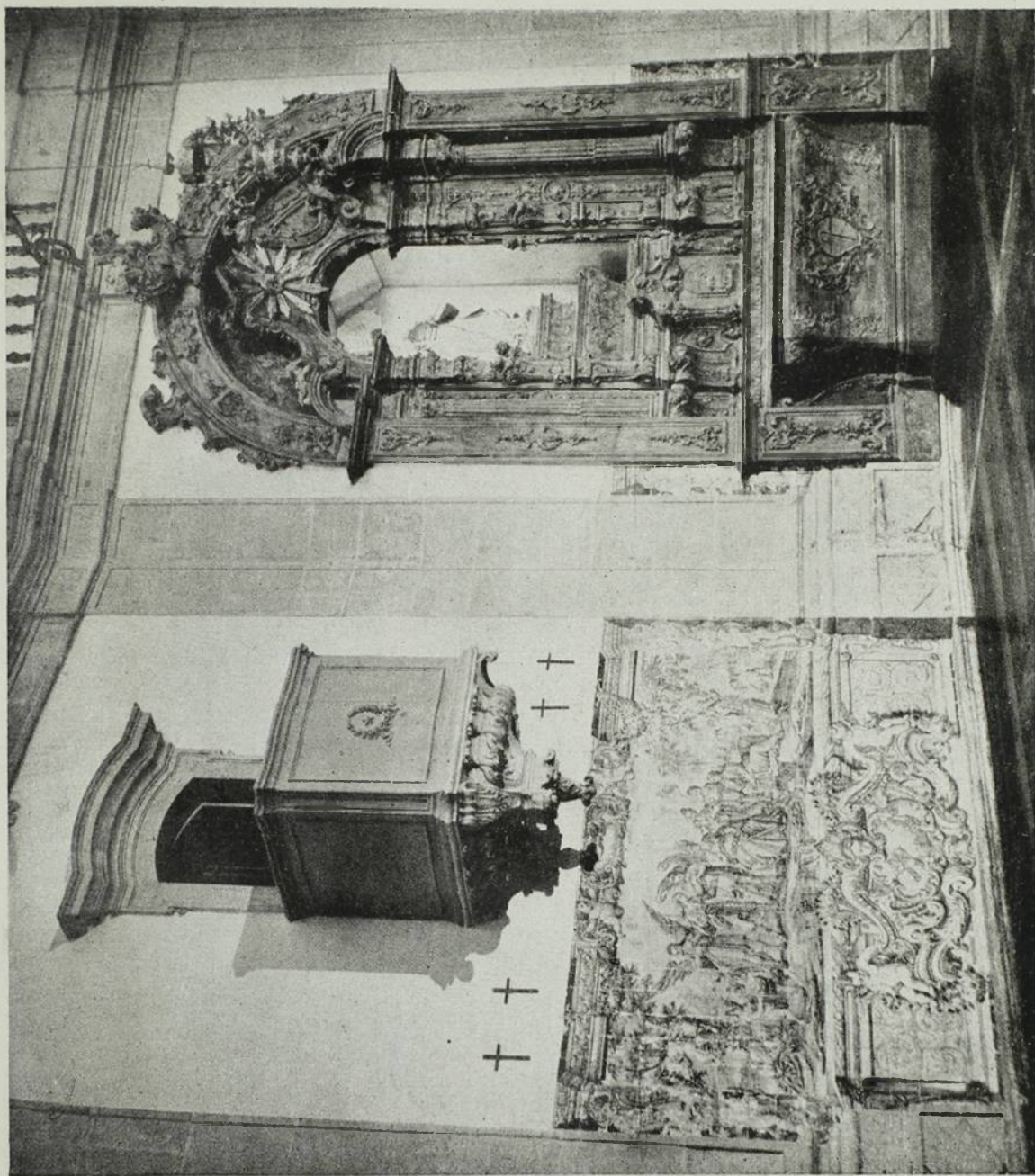
O altar, com o
o presbitério. O



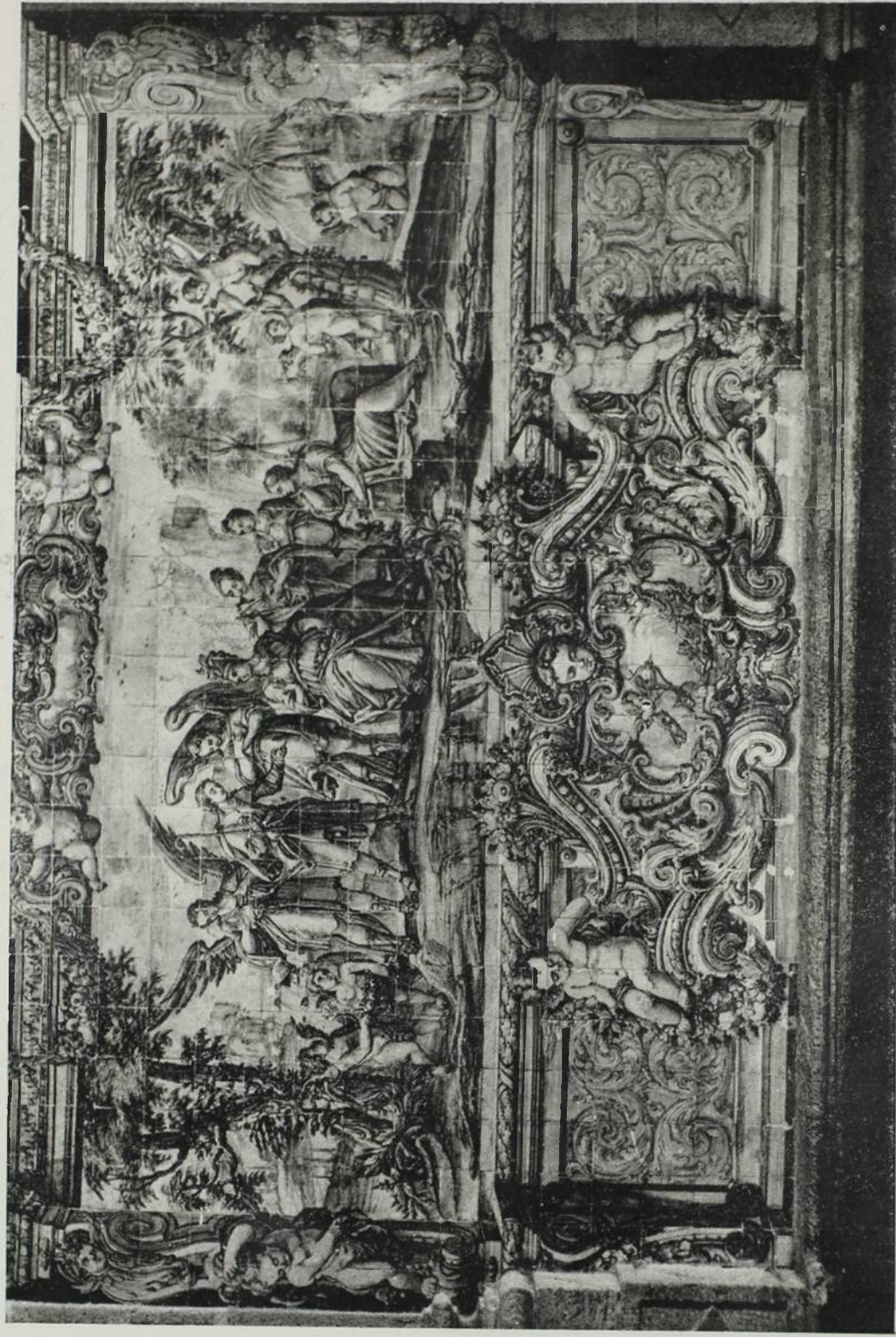
O altar-mór, com o respectivo retábulo depois de removida a pintura recente e de má qualidade que o desfigurava. O estilo do retábulo corresponde à 2.^a metade do século XVIII, o que não ocorre com o estilo da igreja propriamente dita



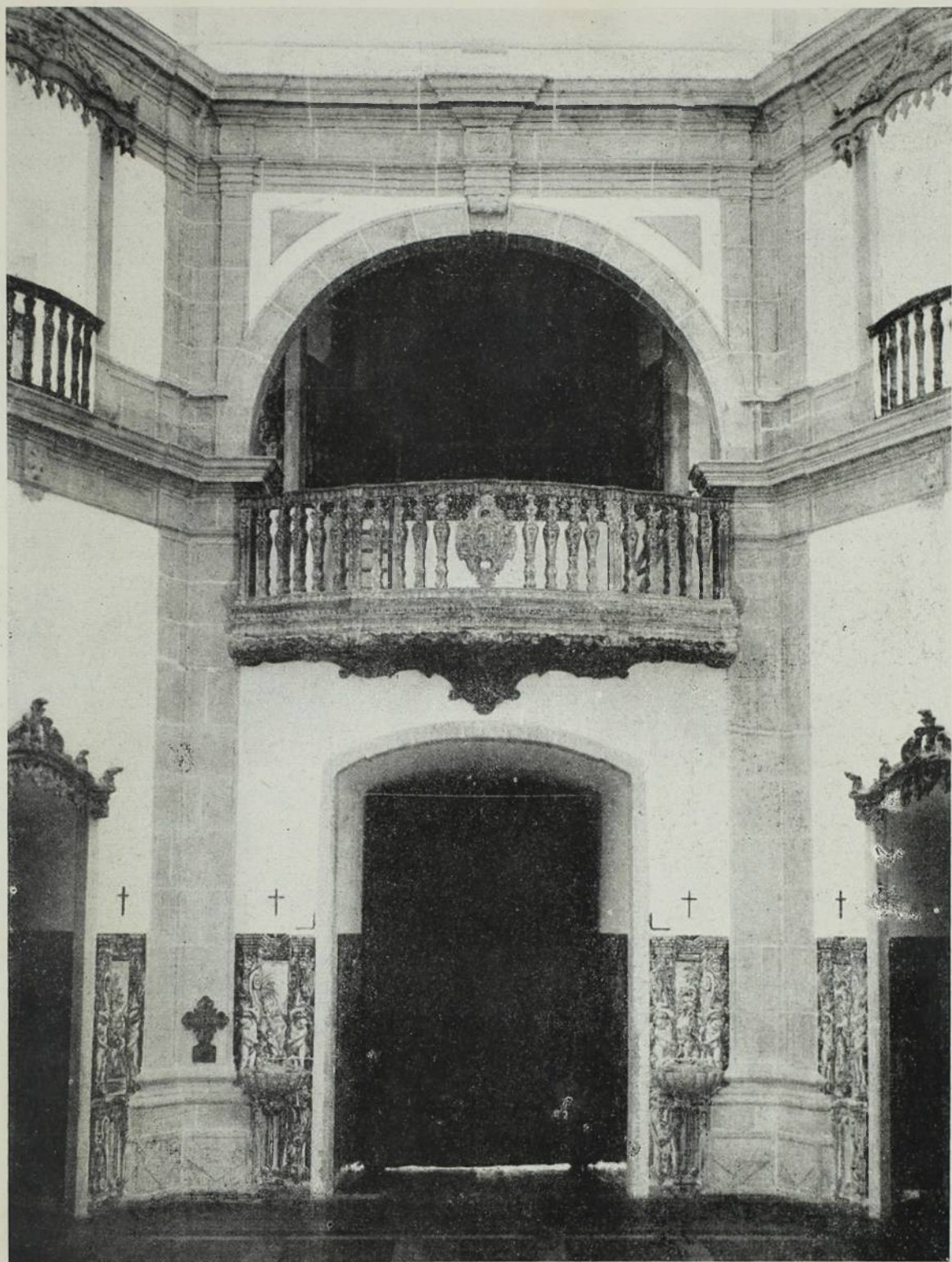
O altar do lado do Evangelho, já com a obra de talha valorizada



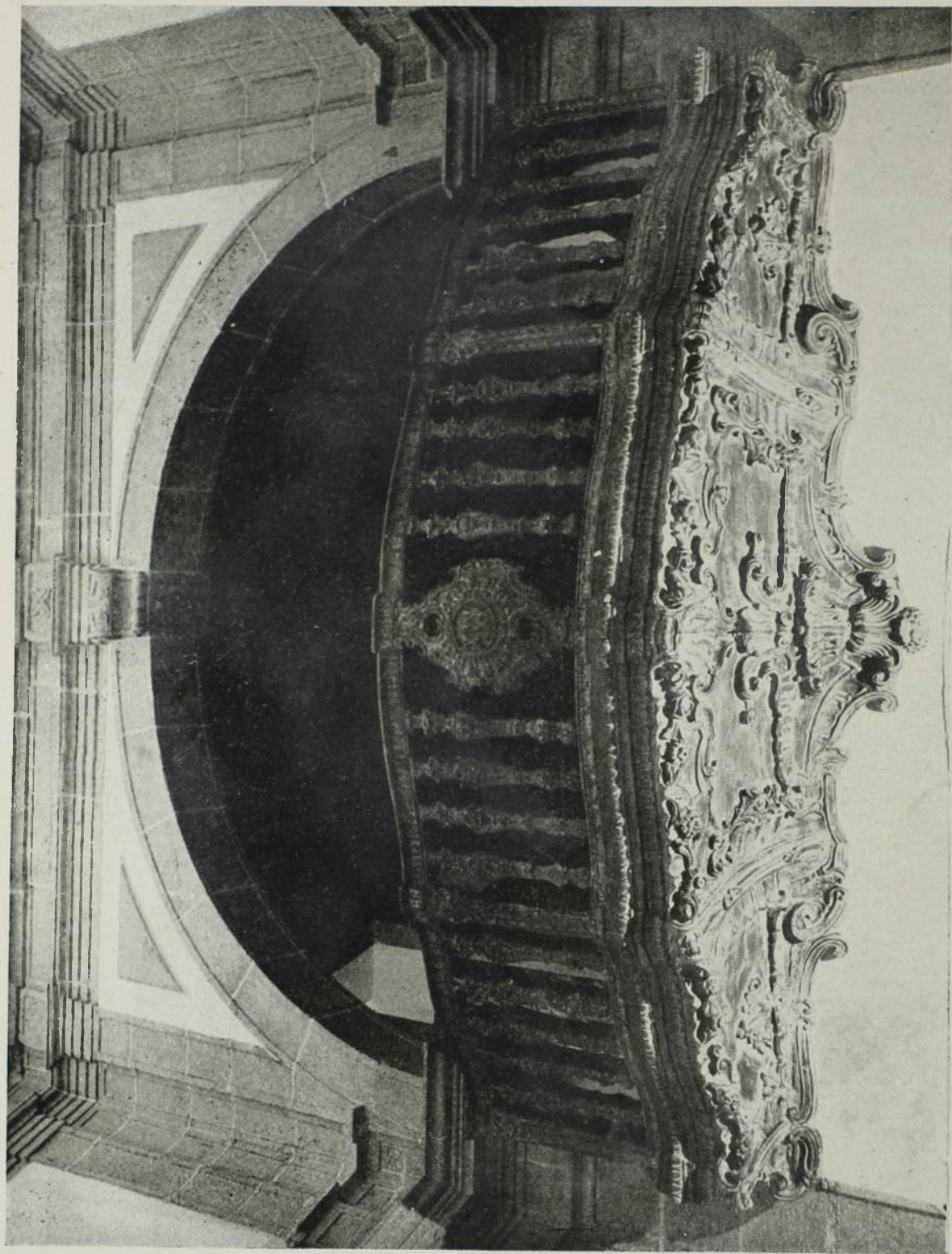
Vista parcial do interior da igreja, percebendo-se um dos púlpitos cuja taça é de pedra portuguesa



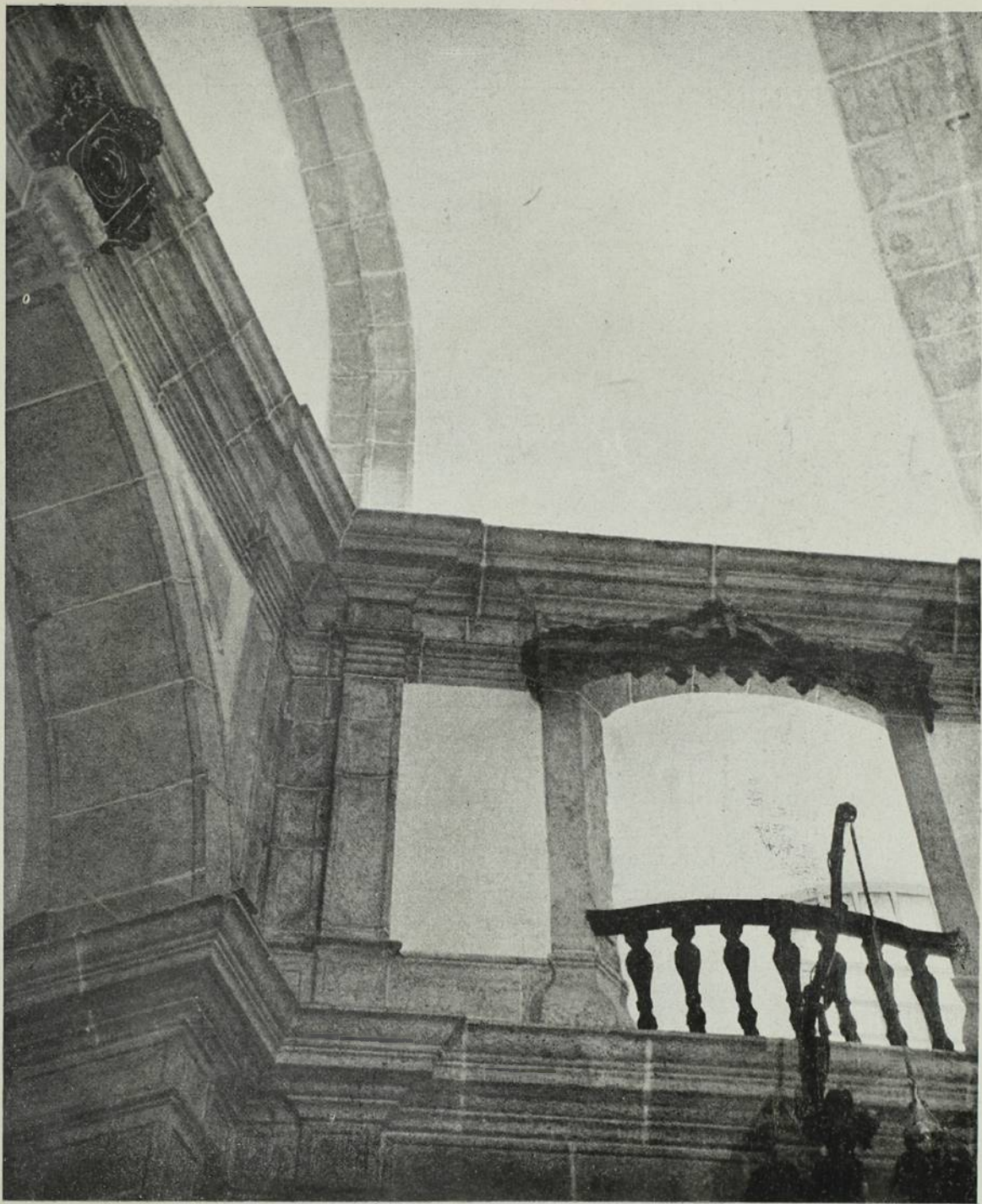
Um dos ricos painéis do silhar de azulejos portugueses que garante toda a igreja



Outro aspecto do interior da igreja, mostrando o côro sobre a entrada e uma pequena parte do soalho de campas restabelecido



Pormenor da bacia do côro com o respectivo guarda-corpo, obra de talha característica do último quartel do século XVIII

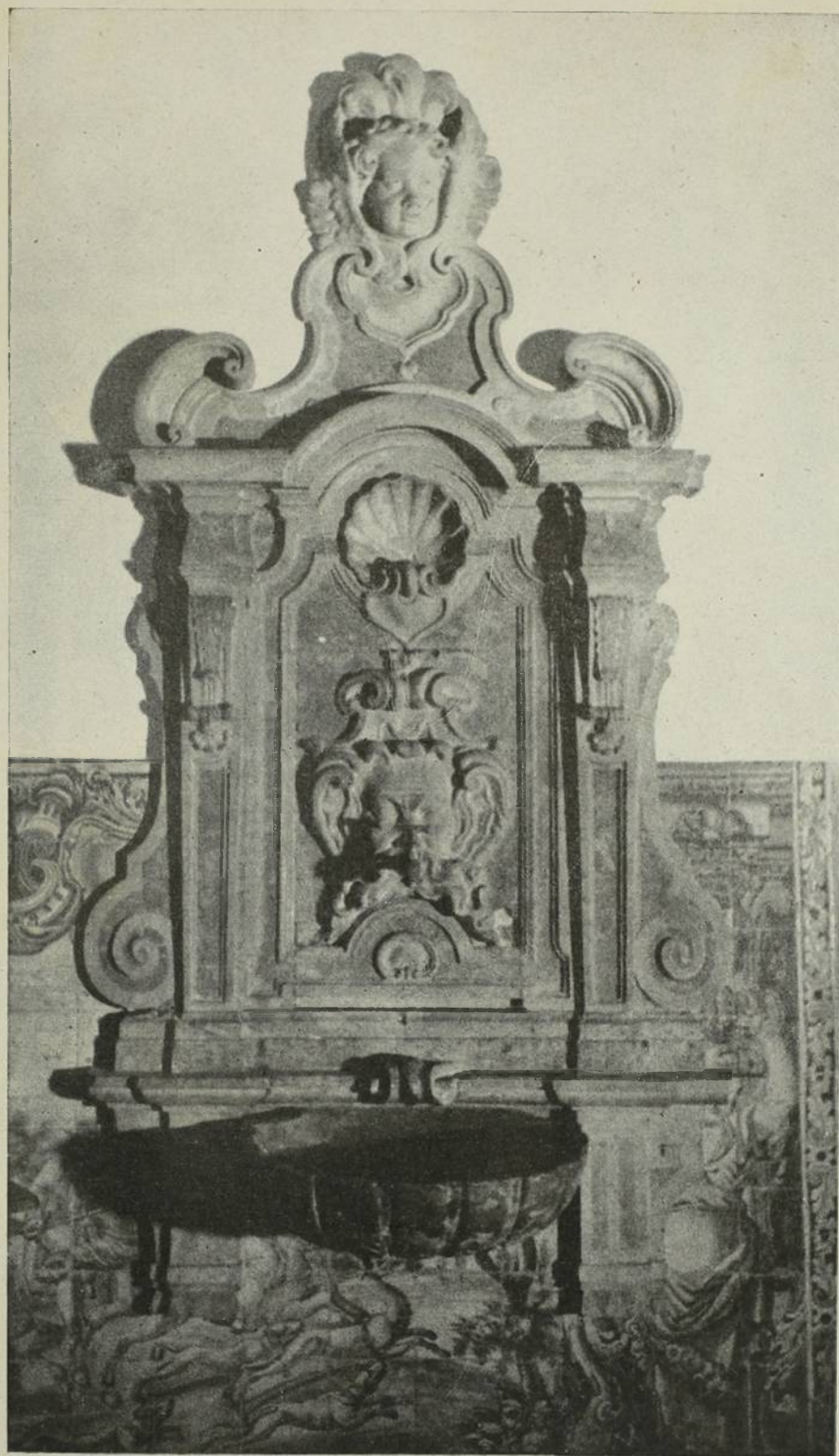


Formenon do interior da igreja, deixando vêr parte do arco-cruzeiro e da cimalha real, uma das falsas tribunas e dois arcos-duplos do teto abobadado



Arcaz da sacristia, com pintura antiga representando os quatro Evangelistas

Arcaz da sacristia, com pintura antiga representando os quatro Evangelistas



Um dos lavatórios de mármore português da sacristia

909110

